

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
ARTES VISUAIS LICENCIATURA

**DELIBERADAMENTE DESVELANDO CRIAÇÕES: Processos
artísticos na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São
Pedro**

Leandro Silveira Rodrigues

Porto Alegre, 2020

Leandro Silveira Rodrigues

**DELIBERADAMENTE DESVELANDO CRIAÇÕES: Processos
artísticos na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São
Pedro.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de graduação em Artes Visuais
Licenciatura da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Artes
Visuais

Orientadora:

Profa. Dr.^a Daniela Pinheiro Machado Kern

RESUMO

RODRIGUES, S. Leandro. **DELIBERADAMENTE DESVELANDO CRIAÇÕES: Processos artísticos na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.** TCC de graduação, Licenciatura em Artes Visuais. Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

O presente trabalho de Licenciatura em artes visuais apresenta os resultados de uma pesquisa no campo processual da criação e expressividade em artes, contextualizando e revelando o processo individual do habitar arte em cada um de nós, dispondo de um olhar atento às questões que envolvem um Hospital Psiquiátrico/Oficina de Criatividade. Um diálogo experimental entre a pesquisa em arte e a docência no viés da saúde mental, o interlocutor no terreno fértil a ser revirado, buscando entender as necessidades das atividades criativas para o desenvolvimento cognitivo. A imaginação se constituiu das experiências de estágio das práticas de modelagem em argila. Práticas e vivências de ensino e aprendizagem para além do espaço de produção. Um emaranhado de experiências, que através da arte/educação/saúde mental se constitui em um quebra-cabeça da expressividade.

PALAVRAS CHAVE: Arte; Educação; Saúde Mental.

RESUMEN

RODRIGUES, S. Leandro. DELIBERADAMENTE DEVELANDO CREACIONES: Procesos artísticos en un Taller de Creatividad del Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Tesis de graduación, Licenciatura en Artes Visuales. Instituto de Artes. Universidad Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

El presente trabajo de Licenciatura en artes visuales presenta los resultados de una investigación en el campo procedimental de la creación y la expresividad en las artes, contextualizando y revelando el proceso individual de habitar el arte en cada uno de nosotros, con una mirada atenta a la problemática que rodea a un Hospital Psiquiátrico/ Taller de Creatividad. Un diálogo experimental entre la investigación en arte y la docencia desde la perspectiva de la salud mental, el interlocutor en un terreno fértil a volcarse, buscando comprender las necesidades de las actividades creativas para el desarrollo cognitivo. La imaginación se constituyó de las experiencias de las prácticas de modelado en arcilla. Prácticas y vivencias de enseñanza y aprendizaje más allá del espacio de producción. Una maraña de experiencias, que a través del arte / educación / salud mental, constituye un rompecabezas de expresividad.

PALABRAS CLAVE: Arte; Educación; Salud mental.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 E 2: Trajeto percorrido de ida e volta de minha residência até o local de estágio	16
IMAGEM 3: Forno de barro para queima de cerâmica, Encruzilhada do Sul/RS	26
IMAGEM 4: Pigmentos coloridos, argilosos, mina de extração/Encruzilhada do Sul/RS.....	26
IMAGEM 5 E 6: Pigmentos coloridos, argilosos, mina de extração/Encruzilhada do Sul/RS.....	28
IMAGEM 7: Mina de extração de argila/Encruzilhada do Sul/RS.....	30
IMAGEM 8: Pigmentos coloridos hidratados, mina de extração/ Encruzilhada do Sul/RS.....	31
IMAGEM 8: “Minhas mil faces” - argila modelada e cerâmica, dimensões variáveis. Willian/Simone.....	34
IMAGEM 9: “As mil faces” - argila modelada com efeitos de ação do tempo, dimensões variáveis. Willian/Simone.....	35
IMAGEM 10: Argila modelada, engobes amarelo e cinza, dimensões variáveis.....	37
IMAGEM 11: Argila modelada e pintada com diversas cores de engobe, dimensões variadas	37
IMAGEM 12: Imagem do folder da exposição	39
IMAGEM 13: “As Mil Faces”, abertura 18/05/2021.....	39
IMAGEM 14: “As Mil Faces” - sobre a cama antiga, 2021	40
IMAGEM 15: “As Mil Faces”- lado de dentro do quarto, 2021	40
IMAGEM 16: Fundos do HPSP/entrada da oficina de criatividade.	45

IMAGEM 17: Atelier de cerâmica (Oficina de Criatividade/HPSP)	47
IMAGEM 18: Quarto em ruínas no prédio antigo/ HPSP.....	48
IMAGEM 19: Sapato na entrada do quarto no segundo andar do prédio antigo/ HPSP em 2020.....	49
IMAGEM 20: Marca de mão sobre placa de cerâmica, Lucia.....	50
IMAGEM 21: Imagem de mulher na parede do prédio antigo.....	51
IMAGEM 22: Grafismo.....	52
IMAGEM 23: Intervenção no prédio antigo.....	53
IMAGEM 24: Exposição “Caminhos da Arte” no saguão da Faculdade de Psicologia da UFRGS.....	55
IMAGEM 25: carta recebida de um aluno integrante da oficina.....	61

“O criar é um processo existencial”.
(OSTROWER, 2014, p. 56)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AATERGS – Associação de Arteterapia do Rio Grande do Sul

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CAPS AD – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

CAPS I – Centro de Atenção Psicossocial Infância

FACED – Faculdade de Educação

HPSP – Hospital Psiquiátrico São Pedro

IA – Instituto de Artes

NUTAL – Núcleo Transdisciplinar Arte e Loucura Tania Mara Gali Fonseca

UBAAT – União Brasileira de Associações de Arteterapia.

UFRGS – Universidade Federal de Porto Alegre

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

SOBRARTE – Sociedade Brasileira de Arteterapia

SADOM - Sociedade de Apoio ao Doente Mental

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PARA ALÉM DO ESTÁGIO, UM OÁSIS NO DESERTO: a trajetória inicial percorrida.....	14
1.1 RELATOS SOBRE EXPERIÊNCIA E APRENDIZAGEM: experimentando matérias-primas para fins terapêuticos e exercendo atividades para uma ação educativa propositiva.....	24
2. AS MIL FACES.....	33
3. DIÁRIO DE BORDO: desdobramento da arte como terapia, escritos/reflexões/imagens e memória.....	41
3.1 CARTA ANÔNIMA.....	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
5. REFERÊNCIAS.....	66
6. ANEXOS.....	68

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Daniela Pinheiro Machado Kern

Profa. Dr.^a Adriane Hernandez

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Gostaria de dedicar este trabalho a
minha querida Avó, Zoé Lopes Silveira.

INTRODUÇÃO

Para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) resolvi retratar as minhas práticas de estágio no Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). O Hospital foi fundado no ano de 1874 no município de Porto Alegre/RS, localiza-se na Avenida Bento Gonçalves, 2460, no bairro Partenon. Atualmente o HPSP conta com a prestação de serviços de internações nas unidades de dependência química, unidades para pacientes agudos, centro integrado de atenção psicossocial – infância e adolescência (CIAPS), serviço de emergências psiquiátricas, unidade de observação, centro de reabilitação, ambulatório especializado em saúde mental, com programas de atendimento para as principais patologias mentais. Além disso, o Hospital possui espaço residencial onde alguns moradores do São Pedro compartilham e convivem com moradores de uma vila situada atrás do Hospital.

O HPSP iniciou as suas atividades dez anos depois de sua inauguração. Há um painel fotográfico no saguão de entrada que contém informações do Hospital São Pedro em uma linha do tempo, indicando de acordo com as estatísticas cerca de 7.611 transitantes em 1957. Nas dependências do Hospital este foi o máximo contingente constatado. Hoje o Hospital está praticamente abandonado, é um prédio antigo, houve tentativa de restauro, mas a obra foi interrompida, e este se encontra tombado como patrimônio histórico. Atualmente o número de habitantes está entre 70 pessoas, que se encontram nas dependências das unidades de moradia, localizadas na parte dos fundos dos pavilhões antigos do hospital. A autora Nise da Silveira (2015) interpreta o ambiente de um hospital psiquiátrico:

As coisas se passam de maneira diferente no hospital psiquiátrico. As vivências do espaço evidentemente estarão ligadas à condição psicótica no seu conjunto, em cada caso individual. Inumeráveis possibilidades podem ocorrer - desde o mergulho no inconsciente, o reino sem espaço, as alterações em graus diferentes da organização do espaço destinado às relações humanas pragmáticas. De qualquer modo a volta será sempre difícil, muitas vezes impossível. Um exemplo dos mais simples dará ideia deste problema psiquiátrico habitualmente negligenciado. (SILVEIRA, 2015, p. 45)

Cada caso em específico é um fenômeno intrapsíquico segundo a psiquiatra, são mundos internos do esquizofrênico que recebem uma atenção focada, para pouco a pouco penetrar em seu mundo, utilizando linguagens artísticas para lidar com certos

tumultos psicóticos do frequentador (SILVEIRA, 2015). Em meu estágio pude experienciar certos tipos de surtos em frequentadores na Oficina de Criatividade do HPSP.

Ingressei no trabalho em agosto de 2019, com a função de estagiário de artes visuais, de segunda a sexta-feira, com carga horária de 5 horas diárias, equivalendo a 25 horas semanais. Anteriormente trabalhava 30 horas, mas por estar também fazendo estágio obrigatório em Licenciatura, tive que reduzir a carga horária.

A Oficina de Criatividade se mantém com recursos financeiros oriundos de prêmios ganhos por participação em editais, recursos administrados por representantes da SADOM, que cuida da parte financeira, da compra de materiais artísticos, e demais materiais e mantimentos utilizados pelos funcionários e frequentadores, que são disponibilizados pelo Estado. Alguns materiais são comprados pessoalmente. A compra de material para cerâmica é feita no atelier *Selmo Ramos*, que se encontra no endereço; R. Itaboraí, 230 - Jardim Botânico, Porto Alegre – RS e é parceiro da Oficina de Criatividade.

O espaço da Oficina é amplo e conta com saguão no hall de entrada, que serve para as exposições dos trabalhos. Possui uma sala para bordado, sala de pintura com equipamento de secagem, escaninho com repartições com o nome dos frequentadores, mesas e cadeiras, atelier de cerâmica, outra sala enorme, que também é destinada à pintura, desenho, instalação e performance. Há uma biblioteca com livros e catálogos de artes, em frente ao banheiro dos frequentadores, mais ao fundo se encontra a cozinha e o banheiro para os funcionários, seguindo adiante há uma porta que dá para o auditório e sala da coordenação e, por último, há o acervo que conta com uma grande área, com mais duas salas inclusas.

A Oficina de Criatividade tem uma longa trajetória na proposição de oficinas de desenho, pintura, cerâmica, escrita, bordados, dentre outras atividades desenvolvidas, além de possuir um acervo com mais de 200.000 trabalhos catalogados. As oficinas de arte se constituem enquanto ferramenta para o tratamento da saúde mental dos pacientes do HPSP. Os principais colaboradores para o desenvolvimento das atividades de oficinas são os integrantes da equipe da Oficina de Criatividade no Hospital, a coordenadora da oficina, o estagiário de museologia, o terapeuta ocupacional, a psicóloga voluntária, estagiários de licenciatura em artes visuais, pessoal da higienização e o pessoal da secretaria.

A Oficina de criatividade já é consolidada nas práticas oferecidas pelo Hospital São Pedro e aproxima-se de completar trinta anos de existência e resistência. Existe uma luta diária e esforço incondicional para a manutenção desse espaço, tendo em vista a perspectiva de ser um espaço de resistência dentro de um dito manicômio.

Conforme apresenta Neubarth (2009) em sua tese de doutorado sobre a Oficina de Criatividade:

Em agosto de 1990 a oficina saiu do prédio da área asilar para uma sala no primeiro andar do primeiro bloco do prédio histórico. A sala rosa, com iluminação em espaços adequados, oferecia lugar para mais frequentadores. O grupo de trabalho se ampliou, com a contratação de mais uma estagiária, e pela participação, como campo de estágio, para os residentes do curso de especialização em saúde mental e psiquiatria, e por uma equipe fixa de profissionais do quadro do hospital: uma terapeuta ocupacional, uma enfermeira, uma artista plástica e uma psicóloga. A oficina de artes transformou-se em Oficina de criatividade. (NEUBARTH, 2009, p. 122)¹

Por compreender que a Oficina de Criatividade oferecida no Hospital Psiquiátrico São Pedro se constitui como instrumento propiciador de qualidade de vida para os seus integrantes e que possibilita a eles uma maior coordenação de suas habilidades motoras, através do desenvolvimento de trabalhos em cerâmica no tratamento da arte como terapia, me motivei a realizar esse estágio. Trabalhar com diversas linguagens no dia-a-dia com os frequentadores da oficina é muito enriquecedor e abriu-me possibilidades e vontades ainda desconhecidas ao caminhar nesta direção.

O barro é, sem dúvida, o elemento que pode acalmar o paciente/frequentador da oficina, independentemente de sua condição mental, além de ser um material com que já venho trabalhando há muitos anos. Além disso, penso que a arte é uma ferramenta muito importante no tratamento da saúde mental. Essa perspectiva teve sua importante manifestação através de Nise da Silveira, como a precursora no Brasil no emprego do tratamento da arte na psiquiatria.

A idealização de um projeto e posteriormente a sua realização com pacientes frequentadores, que possuem problemas de saúde mental foram grandes desafios, que ultrapassam o processo de ministrar uma oficina. Tornaram-se um passo a mais com objetivo a ser alcançado, independente do objeto final. Pensar no processo como ato,

¹NEUBARTH, Barbara Elisabeth. *No fim da Linha do Bonde, um tapete Voa-dor: a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis*. Porto Alegre, 2009. 281 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 122.

também pensar no “eu” que está em constante mudança de comportamento, é a questão fundamental, o acompanhamento dos frequentadores da oficina.

Os métodos e procedimentos adotados para a realização deste trabalho se baseiam em métodos qualitativos, devido à possibilidade da identificação de nuances que métodos quantitativos não contemplam. Optei, inicialmente, pela revisão bibliográfica e documental para compreender sobre a história do HPSP e os principais conceitos aqui utilizados. Escolhi também a observação participante durante o desenvolvimento das oficinas.

Para Correia (1999) o método de observação participante é realizado em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer interações entre sujeitos em observação, no seu contexto (CORREIA, 1999). Aliado à observação participante utilizei como instrumentos o diário de campo (reproduzido neste trabalho), bem como a utilização da captação de imagens do ambiente do estágio para ilustrar alguns momentos vivenciados.

O objetivo geral deste trabalho é descrever a minha atuação, enquanto estagiário, no Hospital Psiquiátrico São Pedro, bem como analisar como os participantes do projeto Mil Faces desenvolvem a atividade de cerâmica, enquanto expressão artística, em seus cotidianos. Já os objetivos específicos são: 1. Descrever o ambiente de estágio, a trajetória percorrida até o início das atividades e o perfil dos participantes da oficina da criatividade; 2. Apresentar a ideia do Projeto Mil faces, a adaptação necessária para a aplicação do contexto do Hospital Psiquiátrico e o desenvolvimento das atividades junto aos participantes; 3. Retratar as práticas cotidianas do estágio e o andamento das atividades e 4. Apresentar o resultado da interação com os participantes e as impressões finais do desenvolvimento das atividades promovidas pelo projeto Mil Faces.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado da seguinte maneira, além da apresentação desta introdução, apresento, a seguir, os objetivos para o desenvolvimento deste trabalho. No primeiro capítulo trago minha trajetória inicial no contexto do estágio e da oficina e como as coisas foram acontecendo, até minha percepção do espaço de criatividade, dentro de outro espaço que é o hospitalar, se mostrar coerente com o que se apresenta realmente.

No segundo capítulo apresento a criação e inserção do projeto “Mil Faces” na sua idealização, adaptação e desenvolvimento prático, enquanto no terceiro capítulo retrato as minhas práticas diárias no estágio, com seus empecilhos, aprendizados e

alegrias. Posteriormente relato o resultado do trabalho desenvolvido junto aos participantes da oficina, com a produção e apresentação de seus trabalhos junto de um ensaio fotográfico de imagens do ambiente interno do prédio antigo, e em seguida uma carta anônima, que faz referência às demais cartas recebida de um frequentador da Oficina de Criatividade, e, por fim, apresento as considerações finais.

1. PARA ALÉM DO ESTÁGIO UM OÁSIS NO DESERTO: a trajetória inicial percorrida

Este estágio surgiu a partir da oportunidade que tive de ministrar uma oficina com a técnica da modelagem do barro, para construção de ocarinas na oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Fui convidado para a proposição e elaboração desta aula pela antiga estagiária. Sempre me senti muito atraído pela questão da saúde mental e lembro das vezes em que passei na frente do Hospital Psiquiátrico, sentia uma imensa vontade de conhecer aquele lugar e, como vinha trilhando o caminho da psicologia, fazendo algumas disciplinas ofertadas pela FACED, - me interessei muito pelo tema dos transtornos psíquicos. Pensando que desenvolver uma pesquisa voltada para a produção visual individual era um pouco limitante, porque já fiz isso, acabei por me inclinar às práticas artísticas na saúde mental, podendo juntar as duas coisas, a produção visual, surgindo através de proposta de aula, mas também falando de poética no âmbito de aula.

A parte burocrática é sem dúvida a mais complicada e desgastante quando se pretende oficializar algo, como se deu em meu ingresso no Hospital Psiquiátrico. Como havia feito uma aula no espaço, pude ficar com a vaga da pessoa que me indicou e que me ajudou neste processo, contando tanto com a aceitação da coordenação da oficina, quanto com dicas sobre o processo e sobre o lugar de estágio. Pude, então, concretizar meu vínculo na Oficina de Criatividade, e no mês de agosto de 2019 comecei meu estágio. O ambiente é incrível, muito grande e aconchegante, possui pinturas e escritas pelas paredes dos ateliês, no saguão possuía uma exposição com diversos trabalhos, de vários autores expostos; - como disse na introdução, a Oficina é composta de várias salas bem espaçosas, e a equipe de trabalho, quando cheguei, era composta por grande número de pessoas, algumas delas voluntárias, estagiários e coordenação.

O perfil dos frequentadores atendidos, dentre moradores, internados, externos frequentadores, que são atendidos via ambulatório, é diverso, como os que são

passageiros pelo espaço, mas também deixam sua marca. A partir do prontuário dos atendidos pode-se ter um pouco da noção das patologias:

Escrever sobre o que há de loucura em viver internado em um hospital psiquiátrico é poder refletir sobre o que há de insensatez na humanidade. As pequenas histórias dessas pessoas que vivem à margem de um espaço e de um tempo devem servir como pontos de alerta para que possamos nos dar conta da imensa capacidade de destruir de negar isolar aquele que é diferente de nós, mas que também pode ser tomado como espelho. E talvez por isto tanto nos intriga, inquieta, estranha. (NEUBARTH, 2009, p. 261)

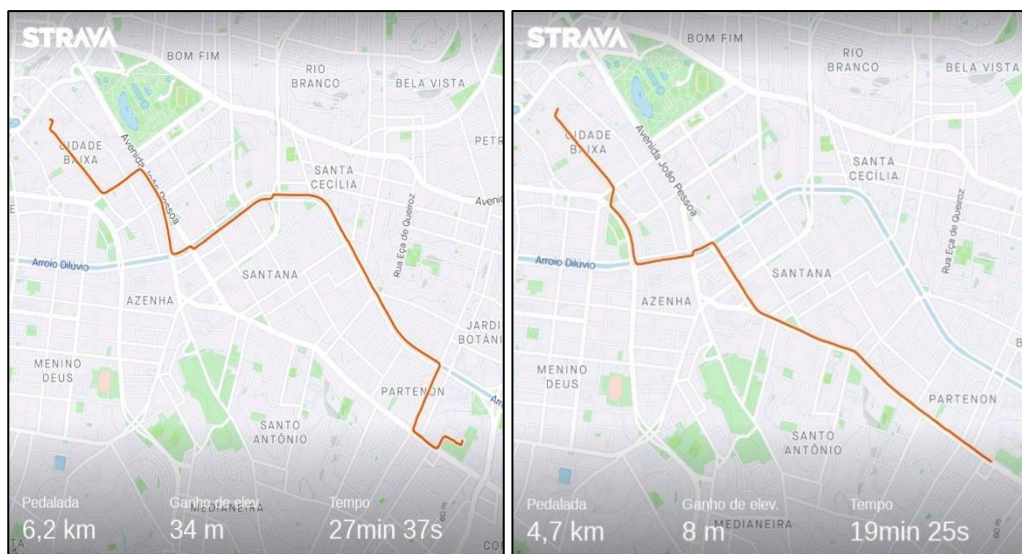
Focar no trabalho e desfocar de si mesmo, se perder nos embates diários e refletir sobre os questionamentos que surgem, é normal, ainda mais dentro de um hospital psiquiátrico, de ambiente que carrega um peso de atrocidades cometidas por aqueles que realizavam experimentos com os rejeitados pela sociedade, tudo em busca de uma suposta cura, e para entender sobre os limites do corpo humano. Existe um memorial do Hospital Psiquiátrico, que está aberto à visitação. Lá se pode encontrar desde documentos antigos até aparelho de eletrochoque, “entre as inúmeras enfermidades que podem acometer o ser humano está a doença mental. Ainda hoje, entender patologias deste espectro representa um grande desafio. Divergências conceituais sobre suas causas e consequências implicam terapêuticas diversificadas, e muitas vezes, discutíveis” (NEUBARTH, 2009, p 29). Hoje a medicação e contenção são os modos de tratamento e controle, são modos cotidianos resultantes das adaptações ao longo da história da psiquiatria, e praticamente todos os usuários deste sistema de tratamento são medicados conforme sua patologia. Mesmo que cientificamente necessite deste tratamento, se pode perceber o poder de reação das medicações nos que habitam este lugar, mesmo assim mentalmente se pode ter experiências sensoriais, e assim, pensando no trabalho que estou desenvolvendo na oficina, se tratando de espaço para expressão artística, consigo trazer para estes espaços fechados minha vivência em movimento de troca compartilhada.

Exercer a prática da modelagem une as áreas e saberes, saberes que são acúmulos de experimentos e experiência prática com pesquisa de materiais argilosos, que venho desenvolvendo há mais de dez anos. As práticas do trabalho manual, resultando na cerâmica, é um processo que vou esclarecer no próximo capítulo, onde trago algumas imagens e testes que trazem algumas respostas e resultados, que somam neste trabalho uma série de elementos que levo para a Oficina de Criatividade e se entrecruzam sem parâmetros reguladores, pois trato de apresentar tais elementos de

pesquisa para que agucem sua percepção, sem cobrar compreensão, donde surgem as dúvidas sempre em torno de cada momento de aula. Explico-as quantas vezes for preciso, pois ultrapassam uma lógica pré-estabelecida sobre a arte e a patologia humana², uma vez que sobre saúde mental, é assim. Graças a esta oportunidade de entrar como estagiário na oficina que me motivei a certos propósitos, como criação de projeto a longo prazo, um tanto experimental. E nada mais convincente do que falar de arte nestes espaços de resistência e utilizar o barro como ferramenta de tratamento e desenvolvimento expressivo.

Realizar este estágio foi algo que acabou acontecendo em consequência de um querer e das possibilidades que levaram este corpo em deslocamento a este espaço. E para explicar este contexto de deslocamento resolvi mostrar meu trajeto para o trabalho, que faço de bicicleta diariamente, são duas imagens que correspondem à ida e à volta.

Imagem 1 e 2: Trajeto percorrido de ida e volta de minha residência até o local de estágio:



Fonte: arquivo pessoal do autor (2021).

²<http://aatergs.com.br/legislacao/> Existe uma profissão de Arteterapia que é uma prática terapêutica realizada por profissional cadastrado na Associação, que utiliza os recursos expressivos (materiais gráficos, plásticos, sonoros, corporais e espaciais), a imaginação, a vivência simbólica e a verbalização nos processos pessoais ou do grupo, facilitando o autoconhecimento e a possibilidade de transformação para uma melhor qualidade de vida. No Brasil, a **União Brasileira de Associações de Arteterapia** estabeleceu os critérios para o cadastro de cursos de formação em Arteterapia, assim como o Código de Ética dos Arte terapeutas. Os cursos são reconhecidos e ofertados por formações profissionais e universitárias neste ramo, que vem crescendo. No Rio Grande do Sul contamos com a **Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul**. Algumas universidades também estão com cursos de pós-graduação nesta área, assim como na Espanha, que oferta graduação e pós na área de arteterapia e inclusão social.

Além de compartilhar um saber, com pessoas que necessitam de tratamento e precisam de cuidados especiais, de paciência, levamos um pouco de alegria e descontração, calor humano. Acredito que é importante trazer a questão do trabalho com o barro, porque, além de ancestral, esta ligação e manuseio trazem uma tranquilidade para os tratamentos quando lidam com a sensibilidade e envolvimento terapêutico, com apoio dos (TOs)³ e demais funcionários que desempenham um papel fundamental para a continuidade da Oficina de Criatividade.

Sobre a história específica da Terapia ocupacional (TO), podemos ler o que segue:

A história da terapia ocupacional está relacionada com a Constituição das instituições disciplinares, na produção de práticas de exclusão social e a docilização são dos corpos, modelando-os e preparando-os para fazer parte do mundo do trabalho capitalista. Por outro lado, como disciplina menor, a terapia ocupacional ocupou um lugar marginal entre as práticas disciplinares associadas à medicina social, o que possibilitou aos terapeutas ocupacionais tomar a língua médico-biológica e modificá-la por um forte coeficiente de desterritorialização, criando condições para a expressão de outras sensibilidades. (LIMA, 2009, p. 16).

Toda equipe faz parte do trabalho na oficina, o apoio deve ser incondicional, assim posso desempenhar minha função à base de práticas de manuseio com o barro que trago no atelier de cerâmica, o que faz a diferença, sim, pois o lugar é um *oásis no deserto*. Neste espaço os frequentadores/pacientes & impacientes vêm matar sua sede e se abrigar do sol deste deserto e aproveitam para alimentar sua alma através da arte. Arteterapia sim é uma maneira importante que vejo para o tratamento, tanto em hospitais psiquiátricos, CAPS ou instituições que ofereçam este tipo de tratamento. Também penso na situação em que me encontro; no manuseio com o barro para tratar a si próprio; não sou formado nesta área, porém, através de pesquisas descobri que existe a associação de arte terapeutas do Rio Grande do Sul.

³LIMA, Elizabeth Araújo. **Arte, clínica e loucura: território em mutação**. São Paulo: Summus: FAPESP, p, 16. 2009.

Estou finalizando o curso de licenciatura em artes visuais e ao longo de minha trajetória venho construindo e acumulando experiências entre práticas e teorias, como deste envolvimento num Hospital Psiquiátrico, na saúde mental. Para mim é importante trazer em voga o trabalho que venho realizando, como evidência *de uma memória viva da produtividade do espaço da Oficina de Criatividade* e de seus anônimos que buscam um espaço para se expressar. Vou me referir à modelagem em argila sempre, porque, além do ancestral, minha ligação, através da manipulação com barro traz uma tranquilidade, esta função é difícil de se definir em palavras, pois mexe com sentimento, só de tocar e tatear já se pode sentir a energia desta *matéria viva*, que é a ligação entre os elementos, *terra, água, ar e fogo* na finalização; o último elemento que transforma a matéria em cerâmica, que materializa a magia. E exercer esta função neste oásis foi como uma luva que coube certinho, tamanho meu prazer com esta matéria mágica.

Este processo necessita da espera, da paciência, envolve o tempo que o próprio barro carrega em sua essência, não se pode acelerar e tentar fazer desta prática uma produção rápida de transformação. Como disse, o barro tem seu próprio tempo e seu processo é lento e cuidadoso, assim como as pessoas que necessitam de tratamento precisam de cuidados especiais e de paciência. E para dar seguimento às oficinas e atendimento dos pacientes, que me motivei a passar as técnicas básicas fazendo um acompanhamento individualizado e também coletivo, quando necessário. Mesmo que a pessoa tenha dificuldade com o processo de construção, não a deixo desmotivar porque o importante no tratamento é este contato que gera um relaxamento quase que instantâneo. Mesmo que os pacientes estejam sob efeito de medicamentos, estímulo-os a interagir com esta matéria e a assim produzirem algo simbólico no processo do fazer. Como nos lembra Fayga Ostrower, “O impulso elementar e a força vital para criar provém de áreas ocultas do ser. É possível que delas o indivíduo nunca se dê conta, permanecendo inconscientes, refratárias até as tentativas de se querer defini-las em termos de conteúdos psíquicos, nas motivações que levaram o indivíduo a agir” (OSTROWER, 2014, p. 55).

Na medida em que vão se habituando ao material vou passando as técnicas básicas, pelas quais se pode livremente optar sem pressão. O foco da oficina é o processo, e não se tensiona ninguém, apenas amparamos a pessoa no que deseja como trabalho, ou apenas no entretenimento e manipulação do barro para o relaxamento. Foi neste contexto que dei início a minha caminhada na área da Saúde Mental dentro do HPSP.

A função de um futuro professor de artes, ministrando oficinas artísticas com o foco na terapia intensiva e contínua, é a experiência mais importante para um sujeito como eu, prestes a se formar. O que seria desta escrita sem as experiências vividas no cotidiano, tanto no resgate de uma criança interior, como nas vivências artísticas buscadas na caminhada percorrida, na formação do gosto pela arte e na descoberta de um sentimento bonito, que é a criação. Nada seria possível sem o processo e aceitação do que se está produzindo e o sentido que se toma no momento da aprendizagem, sem se questionar o porquê a expressividade é importante. E quando o acaso toma partido e assume uma forma apenas pelo fluir das mãos criadoras? As aulas de artes podem proporcionar o que posso chamar de amor pelo ofício? Porque foi simplesmente uma experiência de conquista, não quer dizer que os pacientes impacientes irão amar as práticas artísticas propostas em atelier, poderão abominar a prática ou tratá-la como recreação.

As propostas que trago nas aulas são relevantes para ativar a sensibilidade e aguçar a percepção. Com o esquecimento do eu, ou do tu, que está em algum lugar perdido, e ou ainda brincando, procurando viver à intensidade do momento, da eternidade, e das fantasiosas histórias do faz-de-conta, da pureza com que se alimenta a vontade de ser o que se quer ser, e ser, nem que por um instante, aquilo que se imaginou, pode se passar horas brincando, desenhando pintando e modelando, e no outro dia fazer tudo de novo. Assim, no contexto da repetição, vou traçando a ideia de que um trabalho em artes, sendo ele numa sala de aula, na oficina de criatividade, nas unidades de moradia ou em casa mesmo, não foge à dinâmica de atuar novamente naquilo que se iniciou. A repetição do trabalho tem muito a ver com o desenvolvimento cognitivo, a prática e o fazer. Tanto pelo acaso como pelo projeto, acabam por carregar as características individuais, mesmo que a proposta seja a mesma para todo o grupo. Para (Lima, 2009). “Nesse contexto, as atividades passaram a ser elementos importantes no movimento de desconstrução de uma lógica excludente e alienante, ferramentas que concorrem para invenção de formas de existência e para engendramento de corpos singulares em seus movimentos, suas ações, seus fazeres cotidianos.”

Procura-se estabelecer uma conexão entre a Arte em sala de aula, atelier com o aprender da vida, do brincar, jogar; com o entendimento expressivo que está para além da experiência, que flui na criatividade quando se tem a própria liberdade de se inventar, sem ser obrigado a realizar uma tarefa para tal. A questão é que o aprendizado vem

antes da escola, se educa a partir do olhar, do tato, da escuta, do paladar, do cheiro e de todos os sentidos que vão despertando quando se é criança (OSTROWER, 2014, p. 127)⁴. Mas as condições psiquiátricas, diagnosticadas cedo, mudam a perspectiva de um desenvolvimento comum entre as crianças, o indivíduo portador de uma doença ou distúrbio⁵ necessita de um acompanhamento diferenciado. E trabalhar com arte é sem dúvida o fortalecimento deste indivíduo, é uma função que ativa o frequentador, que mergulha no processo e no fazer.

⁴Nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é se não o real, criar é viver, para a criança. Nessas experiências infantis, a sensibilidade e o raciocínio ainda se processam de uma mesma maneira de ser partindo de um só impulso a fim de apreender, compreender e controlar as situações e explorar novas possibilidades. Estas se reestruturam em situações novas, e novamente a criança parte para a aventura. A criança age impulsivamente, espontaneamente para ver o que acontece. Embora, sem dúvida, haja sempre curiosidade acerca das consequências da ação, nem as consequências nem as próprias intenções são medidas ou avaliadas anteriormente à ação. A produtividade infantil é rica, em qualidade e descobertas.

⁵“Mas afinal, o que é a loucura e como é tratada?”

Para os neurólogos e para os psiquiatras das tradicionais escolas organicistas: as doenças mentais são doenças do cérebro e o comportamento do louco é o resultado de uma desordem química biológica. o tratamento é feito à base de medicamentos, internamentos, Eletro convulsões e cirurgias.

para os psiquiatras neurologistas e psicólogos adeptos das teorias Freudianas: o comportamento psicótico é o resultado os problemas emocionais do sujeito, uma perturbação efetiva associada à história infantil do doente. além dos psicofármacos, a cura deve ser buscada na análise ou no tratamento psicoterápico. o paciente precisa entender a origem de seus conflitos intrapsíquicos e resignificar a sua história.

para os psiquiatras e outros profissionais da antipsiquiatria interessados uma visão mais político social da loucura: loucura é uma reação a situação desfavorável em que o sujeito vive. Uma doença social cujas causas estariam na opressão e na repressão a qual o sujeito é submetido, tanto no núcleo da família, como no interior da sociedade. o tratamento fundamental passa pela compreensão do fenômeno bem como pela conquista de uma sociedade economicamente menos perversa e afetivamente menos destrutiva.

para os psiquiatras, psicólogos, sociólogos e outros profissionais da Teoria Sistêmica: a doença mental é o resultado de relações familiares e micro sociais patogênicas. Uma reação a manipulação, a exploração e a desqualificação de que o doente é vítima. O tratamento prevê terapia com a família ou com o grupo no qual o doente está inserido. A ideia é tomar consciência da maneira destrutiva como cada um funciona e assim poder “modificar-se”.

para os espíritas kardecistas e de todas as outras correntes: as manifestações anormais, o sofrimento psíquico e espiritual da pessoa é o seu karma, o resultado de comportamentos tidos em outras encarnações, dívidas assumidas em outras vidas. Para curar-se é necessário antes de tudo aceitar que esse sofrimento é necessário, resignar-se, fazer o bem, evoluir espiritualmente rezar para que na outra encarnação já esteja “curado”.

para as seitas evangélicas e para a maioria das outras confrarias do gênero: as manifestações de “loucura”, de “frenesi” ou de “desatino” são coisas do demônio. É o diabo que entra no corpo do sujeito pecador, perverso e fornicador para, através da loucura levá-lo ao inferno. A cura só pode advir através da reza. Da abertura do coração para Cristo, do dízimo mensal, da repressão e da negação sexual, bem como do exorcismo.

BAZZO, Ezio Flavio. **DYMPHNE: A santa protetora dos loucos.** – 1. Ed. Brasília-Df. Editora Clepto Publicadora, 2000.p. 77.

Pode se dizer que procuramos este lugar, o *oásis no deserto*, em busca das relações de troca compartilhada, a arte acontece quando exercemos em prática nossa criatividade, diante de uma manifestação, sendo ela sonora, corporal ou fatidicamente dentre as variadas linguagens artísticas.

Assim mesmo acontece nos encontros da oficina de criatividade do hospital Psiquiátrico, tipo de espaço que carrega o fardo do isolamento como forma de aprisionamento. E minha relação com este espaço se tornou parte de minha carne, de minha mente, é minha essência, estar nesta escola/oficina, espaço de ensino das linguagens artísticas. Como Neubarth (2009, p.143) em sua tese menciona sobre as propostas da Oficina Criatividade, que são:

- Propiciar o desenvolvimento da capacidade expressiva através de recursos artísticos diversos;
- Incentivar a criatividade;
- Estimular o fortalecimento do sujeito e o avanço nos seus relacionamentos sociais, levando em consideração suas possibilidades adaptativas atuais;
- Focar o atendimento em proposta integrada de reabilitação psicossocial, conforme plano terapêutico interdisciplinar;
- Servir como suporte fator de proteção, especialmente no sentido de evitar internações;
- Promover a melhora das relações familiares, envolvendo acompanhantes/familiares através de orientação, apoio e participação em eventos organizados pela oficina de criatividade;
- Acompanhar a evolução de casos clínicos a partir das manifestações expressivas.

Mas carrega o peso da instituição e de encarceramento do ser, me sinto aprisionado neste lugar. Se tratando da Oficina de Criatividade e de todo seu aparato incentivador no quesito da prática artística oferecida, novamente menciono que se torna um refúgio dentro do manicômio, me identifico com este devaneio perturbador, que me afronta com este querer absurdo.

O que me surpreende neste tempo em que estou atuando é sentir que as pessoas que vêm de fora buscar tratamento aqui dentro, já não conseguem mais abandonar este espaço, criaram um vínculo tão grande que mesmo com o isolamento social imposto pela pandemia, dão um jeito de voltar.

Tudo que levamos de bagagem está diretamente ligado à nossa caminhada, a criação que desenvolvemos faz nosso intelecto nos transformar como pessoa e como corpo em deslocamento, está devidamente exposto em função da prática que exercemos, que leva à experiência. e é por consequência desta experiência que pode se dar a aprendizagem consciente ou inconscientemente. Esta referência de comportamento traz certa vulnerabilidade que quero expor, neste caso, a do ser humano que inicia sua aprendizagem percebida como educador, as muitas e diversas diferenças que estão em conjunto. O tratamento de modo analítico do comportamento pode servir para identificar a maneira que melhor se pode fornecer o conhecimento a cada indivíduo, quando se fala em educação:

Costumo dizer que o monitor, num atelier ou oficina, funciona como uma espécie de catalisador. A química fala-nos de substâncias cuja presença acelera a velocidade das reações: enzimas, platina coloidal, *paladium*. Admite-se mesmo que reatores e catalisadores formem um complexo crítico ou um quase composto. (SILVEIRA, 2015, p.76)

O ser humano tem sua particularidade e adaptabilidade conforme vai absorvendo a questão exposta pelo educador à funcionalidade da matéria, que não será igualmente compreendida ou receptada por todos pela diferenciação entre as pessoas, o que acontece desta forma no amparo que fornecemos na oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro: “Esse seria o caso de doença. Com efeito, é a situação de pessoas doentes, loucos girando eterna e obsessivamente em torno de antigos traumas. Pessoas que não conseguem crescer e desenvolve-se, tanto estilisticamente quanto globalmente, em termos de experiência humana. Pessoas cujo poder criativo foi irremediavelmente mutilado.” (OSTROWER, 2013, p.43). Mas pensando nestes traumas mencionados por Ostrower que faço a conexão entre a prática e o acompanhamento com a conversa e percepção, a função, quando exercida pelas mãos, expressivamente acolhe nossa tensão e estimula a sensibilidade sensorial. Quando eu decidi tratar o barro como coadjuvante de terapia, nas minhas aulas experimentais de estágio na oficina de criatividade, e por consequência de uma experiência própria e investigação pessoal, passei a analisar os comportamentos, não para verificar a produção e ter um diagnóstico, mas para perceber as sutilezas e os momentos, e assim exercer a atividade com a cerâmica, pensando em respostas que proporcionem satisfação, não pelo objeto em si, mas por aquilo que o fazer traz para sua vida. Há alguns anos já de aprendizado com

este material. Por isso o processo da modelagem como coadjuvante de tratamento deve ser questão primordial.

Poderia trazer outras questões, mas pensando na aula como terapia através da manipulação com o barro, acredito muito neste funcionamento, pois a entrega é de certa forma instigante.

Apesar de trabalhar com outras linguagens artísticas me aprofundei no contato com o barro e argila, e acabei por escolher este caminho. Pensei então em desenvolver projeto sobre cerâmica na Oficina de Criatividade, pois a maioria do tempo passo no atelier, instruindo e acompanhando meu pessoal nesta terapia. Não se tem uma receita para ser professor ou ministrante na oficina, porém, no entanto, pesquisar, estudar, é fundamental, pois a atuação como agente do ofício se torna cada vez mais importante à compreensão de como é estar num espaço desta magnitude. Seria eu a pessoa certa? Não sei, mas a continuidade desta função deve muito ao trabalho que venho desenvolvendo como artista visual e agora ao caminho da licenciatura: “A palavra aula tem uma etimologia muito interessante. Significa um círculo cerimonial no qual as pessoas concentram sua atenção no que está no meio (em direção ao que é contemplado, ouvido ou celebrado, em direção aquilo que é, naturalmente, o mais importante)” (LARROSA, 2018a, p. 186). Claro que se pensarmos de maneira romântica a palavra dita se converte para além de um ritual de apresentação de um discurso de sabedoria em um momento de aprisionamento da atenção alheia, não que isso seja um problema, mas apenas uma hipótese de como também se pode passar da experiência em forma de conhecimento para algo que seja perigosamente alienador. Assim Larrosa distingue a palavra aula, e este ritual é muito importante quando estamos dando aula, pois o acolhimento em nosso espaço se dá de forma igualitária.

Pensando além das questões palpáveis e óbvias de um cotidiano escolar, percebi, acerca da experiência de lecionar, que dar aula é ter que estar atento às individualidades e seus anseios, aos seus problemas e dificuldades, no contexto geral que diz respeito à instituição. Vale lembra que para Larrosa: “A escola não deve se converter em uma fábrica, nem em uma extensão da fábrica, nem em uma preparação para fábrica, e a escola não pode se converter tampouco em um shopping nem em uma extensão de shopping” (LARROSA, 2015, p. 236), concluindo que na escola as crianças e os jovens não são produtores nem consumidores, não são trabalhadores nem clientes, são estudantes. Assim mesmo acontece na Oficina de Criatividade, por mais que necessitemos apresentar a efetividade dos frequentadores, numa ideia de grande

proporção de atendimentos, isso acaba tendo importância como respaldo para a Oficina, numa média de atendimentos mensais, que influencia no apoio que se pode receber.

Desde que comecei o Estágio atendemos muitas pessoas, o único momento que travou os atendimentos foi quando começou a pandemia, porém seguimos atuando e atendendo de maneira mais restrita e agora, novamente, estamos atendendo muita gente, por ora os que estão habitando o hospital. A visão deste momento de renovação, de mudança do que se estava habituado anteriormente trouxe outras questões para pensar em modo de atendimento, porque era muito difícil sair da Oficina de Criatividade para atender nas Unidades. Forçar uma produção para ter em números o processo cai no *objeto de consumo*, como traz o pensamento de Larrosa. Perceber que não se pode tratar a expressividade como um produto de realização contínua, por acúmulo de trabalhos como resultado final ou de atendimento é evitar o ser consumista. Daí vale o bom senso para pensar em estratégias que evitem a armadilha do capitalismo, de modo que se possa dizer que “Criavam de modo livre e espontâneo” (LIMA, 2009, p. 159).

1.1 RELATOS SOBRE EXPERIÊNCIA E APRENDIZAGEM: experimentando matérias-primas para fins terapêuticos e exercendo atividades para uma ação educativa propositiva

Quando vemos uma jarra de argila produzida há mais de 5 mil anos por algum artesão anônimo, algum homem cujas contingências de vida desconhecemos e cujas valorizações dificilmente podemos imaginar, percebemos o quanto esse homem, com um propósito bem definido de atender certa finalidade prática, talvez de guardar água ou óleo, em moldando a terra moldou a si próprio. Seguindo a matéria e sondando-a quanto à “essência de ser”, o homem impregnou-a com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus conhecimentos. Dando forma a argila, ele deu forma a fluidez fugidia de seu próprio existir, captou-o e configurou-o. Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou. (OSTROWER, 2014, p.51)

Venho experimentando diversas cores de barro, que são em sua maioria materiais argilosos, o trabalho manual, desde catar o material bruto e hidratá-lo, transformando em uma massa homogênea para o fim de modelagem, é de muita importância, porque faz parte do projeto que venho desenvolvendo no Estágio na oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

A pesquisa sobre os materiais argilosos como um conhecimento, para o auxílio de minhas produções expressivas e para o entendimento de como esta matéria se comporta em seus mais variados níveis de cores e texturas, caminha passo a passo com muita dedicação e paixão. Para Joice Ramos:

Falar do barro é falar da história da humanidade, é colocarmo-nos frente ao nosso mundo primitivo interior, é falarmos de vida e morte, por isto é o material plástico que mais possibilita o acesso a nossa psique, auxiliando-nos a expressarmos nossos simbolismos internos, porque ele faz parte do nosso universo cotidiano desde sempre, é sobre ele que caminhamos e habitamos, é ele, transformado em cerâmica, que utilizamos para cozinhar, conservar, transportar, abrigar, comer. (RAMOS, 2019, p. 4)

Neste contexto penso: como posso trazer isso para oficina? *Os tipos de argilas são variados*⁶! Então de que maneira estas variáveis serão compreendidas ou não? Tudo que tenho no local de coleta a respeito de materiais que encontro e extraio, faço teste! Preparo pigmentos e massas (ver figura 2,3,5).

Construí um forno à lenha para queima; e por fim fiz o primeiro teste de queima que foi há alguns meses atrás e deu certo. Para transformar o barro em cerâmica a calor do fogo no forno deve alcançar e ultrapassar os 800° graus, em média. Leva-se em consideração os tipos de argilas, eles influenciam, pois cada barro tem seu ponto de queima e de fusão, pela composição que cada matéria-prima possui.

⁶As argilas são minerais extremamente finos, que só podem ser estudados em detalhe com ajuda de raios x e microscópio eletrônico. Elas são essencialmente silicatos hidratados de alumínio, que podem conter ainda, ferro, magnésio, titânio, sódio, potássio e outros elementos. Na natureza os depósitos de argila podem conter impurezas como quartzo, turmalina, minerais de ferro e outras como matéria orgânica, carbono e resto de vegetais. As argilas quando secas são duras e de aspecto terroso, mas quando adicionamos pequena quantidade de água se tornam plásticas. Esta é a principal característica das argilas que usamos comumente em cerâmica. As argilas se originam a partir de alteração de minerais de rochas preexistentes pela ação da água das chuvas, auxiliada pelos ácidos provenientes da decomposição dos vegetais. O resultado dessa alteração é uma mistura de argilas, com minerais que não se alteram, como por exemplo, o quartzo. Essas são chamadas **primárias ou residuais**. Mas a natureza continua agindo, e a água das chuvas arrasta esses minerais formados, transportando-os para locais às vezes distantes milhares de quilômetros de onde foram formados. Durante esse transporte há uma seleção de partículas por tamanho, e os novos depósitos formados de um modo geral são mais puros. Essas são as **secundárias ou sedimentares**. Os depósitos de argilas sedimentares recentes são encontrados nas partes mais baixas dos terrenos geralmente nas proximidades de rios e córregos. (GIARDULLO, C; GIARDULLO, P; SANTOS, U. P. dos. **O Nosso Livro de Cerâmica: Introdução à técnica para cerâmica artística**. 1ªEd, São Paulo, 2005, p. 9).

Imagem 3: Forno de barro para queima de cerâmica, Encruzilhada do Sul/RS.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019).

Pelos testes realizados através da temperatura do forno, durante e pós-queima, constatei que a elevação chegou ao nível de cozimento, que varia de 800 °C a 1250 °C graus, com o ponto de queima alcançado. Estes primeiros testes foram feitos no final de 2019.

Imagem 4: Pigmentos coloridos, argilosos, mina de extração/Encruzilhada do Sul/RS.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019)

Estamos de quarentena desde a metade de março de 2020, por causa do coronavírus que se alastrou rapidamente entre as pessoas, em muitos países, o que

acompanhamos por noticiários televisionados. Meios de internet mostram números enormes de mortes. Pouco se sabe deste vírus, testes e pesquisas estão sendo feitos em diversos países para a descoberta de uma vacina, pois é muito forte e já matou milhares de pessoas, mas existem também os assintomáticos, segundo os entendidos. Há os que não acreditam ser verdade, nos jornais e noticiários se espalham avassaladoramente as vítimas do (covid 19)⁷ por vários continentes os governos adotando medidas para tentar conter o avanço do vírus, estipulando o fechamento de praticamente todas as instituições, e demais setores que compõem esta grande máquina opressora chamado estado. Somente os serviços essenciais serão priorizados, isso na mentalidade dos que governam.

Antes que tudo parasse definitivamente, resolvi viajar às pressas para o interior de Encruzilhada do Sul, cidade em que nasci, de onde meus ancestrais surgiram. Mantive-me ocupado desde então, com a produção de cerâmica escultórica e utilitária. Além da pesquisa com base em testes de materiais que uso para a modelagem e produção de pigmentos eu, como um catador nato, vou até o local e me envolvo com sua natureza, porque é grande a satisfação de ver aquele lugar repleto de argila de variadas tonalidades e camadas que se acumulam há milhares de anos. Agora está exposta pelo fato de uma empresa mineradora chamada “*tecnargilas*”⁸ estar explorando o local.

Há mineração por toda a região, lembro que há muitos anos atrás, mais ou menos uns 15 anos, que estou nesta função de extração de material, manualmente e com ferramentas cavando para sacar. Uma das minhas primeiras cores em pigmento moídas e peneirada foi o (amarelo “Zoé”)⁹.

⁷ Corona vírus, que se propagou pelo mundo todo atingindo o Brasil no início de 2020, causando uma pandemia mortal.

⁸ Empresa Catarinense de exploração de materiais argilosos.

⁹ Uma cor que batizei com o nome de minha avó materna que reside no local, com a procura e curiosidade de mexer nestes materiais.

Imagem 5 e 6: Pigmentos coloridos, argilosos, mina de extração/Encruzilhada do Sul/RS.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019)

Trabalho com a produção de objetos cerâmicos, como tigelas utilitárias, placas de teste, e agora estou no momento de produzir instrumentos musicais como: flauta, ocarinas, e udu, instrumento de percussão, peças para jogo de xadrez. Também continuo com escultura, que é uma grande paixão; e uma das realizadas foi uma representação do “*Urugavini*”, nome de um dos seres, que se chamam “*Guavins*”¹⁰, erguidos através de raízes. Este relato sobre estas experiências são uma breve e superficial construção de uma ideia, que possui um planejamento mental mais elaborado por conta de minha

¹⁰ São seres advindos de um mundo paralelo ao planeta terra, oriundos de uma dimensão que tem conexão com quarta dimensão, quatridiun, e a quinta dimensão, ususplex, estes seres apareceram com uma forte conexão, os seres totalmente desamparados no seu mundo clamando pela orientação humana no planeta terra, onde o equilíbrio é fundamental, que destruímos a cada dia, com a degradação da natureza, que afeta diretamente seu mundo, pois os fios cósmicos estão interligados. Os seres vieram me chamar como pedidos de socorro, se apresentaram em formas contorcidas que pediam complementação, através da modelagem e esculpimento consegui evidenciar os seres, me dizendo como se chamavam, alertavam sobre o perigo e ditavam em seu dialeto estranho sussurrando em meu ouvido, então, estes seres escultóricos começaram a ser erguidos no início dos anos 2000, são produzidos através de raízes secas de um arbusto chamado guavirova encontrado no interior de Encruzilhada do Sul. Sua denominação vem da derivação do nome do arbusto.

pesquisa poética com os seres de criação, há tempos venho “mentalizando” o processo e agindo para o desfecho. Como comentei existe muita mina de Caulim e Argila pela região, inclusive perto de onde reside minha vó, então, nestes tempos de isolamento eu venho me aprofundando neste trabalho manual, braçal e pesado por sinal, pois é preciso coletar o material cavando com uma pá e colocar no carrinho de mão, para levar até onde está localizado o forno, o espaço usado para o trabalho e produção a que venho me dedicando.

Os processos de limpeza, hidratação e sova do barro são elementos básicos que correspondem ao trabalho do escultor ceramista. O projeto a realizar é o passo seguinte que determina, sendo escrito ou não, e para isso existe todo um conjunto de ferramentas, lugar de armazenamento do material coletado, recipientes, água, sacos plásticos, etc. A criação se desenvolve desde a coleta e manuseio da matéria-prima, o barro. A poética do barro carrega a carga ancestral, pois lida com os elementos da natureza em sua completude. Colhi variedades distintas de barro, fazendo provas e testes de resistência, de cor e comportamento através da caloria exposta.

Imagem 7: Mina de extração de argila/Encruzilhada do Sul/RS, 2021.



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2021

A cada momento que tenho oportunidade de viajar, em folgas, feriados, férias, ou até algum final de semana livre, que possa ir até o interior de Encruzilhada donde faço minha pesquisa, sempre trato de me enfiar no local quando está disponível, pois a firma que extrai a matéria-prima trabalha de segunda a sábado sem parar o dia todo, daí aproveito quando não estão mais para fazer minha análise individual. Conforme Giardullo *et al.*, “As argilas foram às primeiras matérias-primas que o homem usou na fabricação de utensílios, isso mesmo antes de ter descoberto o fogo e passar a queimar as peças”. (GIARDULLO *et al.*, 2005, p. 21)

E ainda continuam a ser exploradas pelo ser humano em proporção catastrófica, pois é gigante uma mineração, daí para se ter a ideia da quantidade de material que é extraído de uma jazida, basta imaginar e calcular uma carreta que suporta vinte e cinco toneladas na sua bagagem e pensar que diariamente várias carretas levam toda esta capacidade de material. Em suma, são milhares de toneladas de argila extraída das minas.

Imagem 8: Pigmentos coloridos hidratados, mina de extração/ Encruzilhada do Sul/RS.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2020).

Fiquei muito contente com os resultados obtidos no processo, é encantador quando se está trabalhando em algo que te dá prazer, e se tem a paciência de espera e não ter pressa. Forcei a secagem de algumas peças, porque tinha muito pouco tempo para poder fazer a queima, então percebi que a aceleração da secagem resultou em trincos e rachaduras. O barro tem seu próprio tempo, necessitando de seu ciclo natural. A educação também precisa de seu ciclo natural e assim como o barro, não deve ser acelerado o seu processo, porque forçar a aprendizagem pode trazer maus resultados:

De acordo com Pain e Jarreau (2001) Apud Ramos, a argila funciona como um suporte a nossos afetos, por isto é interessante analisar as diferentes formas de trabalho a se desenvolverem frente a ela, assim como os diferentes modos de aproximação que se pode propor em um ateliê terapêutico, mesmo que as técnicas do mundo contemporâneo evoluam com grande rapidez, a cerâmica, pelos processos que necessita ser trabalhada, até ficar pronta, permanece quase sempre

tradicional e arcaica, o que nos dá a sensação de solidez, auxiliando a manter o indivíduo em equilíbrio. (Pain e Jarreau, 2001, p. 106 e 107)

Neste parâmetro de comparação sabemos que forçar algo seria o mesmo que impor através da obrigatoriedade, se pensarmos que o tempo necessário que o barro tem para se contrair e secar varia também em função do tipo de argila em observação e análise, podemos pensar que somos como um pedaço de argila que, diferente de outros, tem um tempo próprio de secagem, e que, assim, passa pelo processo de adaptação ao local, armazenamento e cuidado com a fragilidade. As mãos em seu potencial manifestam através da modelagem algo que expressa o sentido de sua vontade própria. Antes de concretizar o pensamento as mãos já estão agindo por conta própria, as mãos também pensam, as mãos agem sem ser provido algo pelo cérebro, como se instintivamente reagissem antes do comando do pensamento:

Nós estávamos refletindo sobre as mãos que fazem, que dão, que sustentam, que impulsionam, que acariciam, que pensam; as mãos inteligentes, habilidosas, pacientes, felizes e cuidadosas; tentando imaginar quais seriam as mãos (e os gestos) do professor (se é que seu ofício ainda tem alguma coisa de manual e se é que ainda não tenha perdido os gestos) (LAROSSA, 2018 a, p. 79).

Neste momento com toda situação de pandemia e de quarentena impossibilitando muitas coisas, pude tirar um tempo de aproveitamento, de experimentos com materiais, argilas, caulim e diversos outros, cuja composição somente pode ser conhecida com análise técnica, química. Já é de tamanha importância trazer isso que estava em meu alcance para trabalhar na Oficina de Criatividade, dando continuidade às atividades e projeto desenvolvidos no âmbito do processo e da expressividade. A seguir vou desenvolvendo mais as questões da matéria transformada em arte. “A beleza, quer das formas poética sensuais e expressivas, quer da lógica e consistência interna de uma teoria, nos toca no mais profundo de nosso ser espiritual, como revelação de uma verdade imanente ao próprio viver.” (OSTROWER, 2013, p. 54) Nesta intensidade e busca de uma intimidade com o material, intuindo a forma como objetivo de expressividade, na busca incessante de concretizar o objetivo, também surge os imprevistos, e pode se querer de alguma maneira tratar como um acaso; a busca pela ação é propositiva; através da instigação, apresentando todos os elementos para a pessoa receber, perceber e se expressar.

2. AS MIL FACES

As mil faces é um projeto criado no início das atividades como professor de cerâmica na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Para exemplificar melhor o título deste projeto, preciso navegar no passado quando vivia na casa de minha mãe e pai no interior do estado, na cidade de Santa Cruz do Sul.

Foi onde meu processo criativo iniciou, onde meus primeiros passos com a expressão em artes começaram a tomar formas, em meu refúgio chamado quarto, as ideias brotaram, neste local adequado para muitas coisas acontecerem, o espaço que posso também chamar de atelier, pois foi onde comecei por erguer os “Guavins”, também onde comecei minhas pinturas, tudo em fase inicial.

A ideia de “As Mil Faces” surgiu com minha prática em cerâmica, quando começo a oficina de modelagem em argila pela prefeitura da cidade, que oferecia tais cursos gratuitamente. Assim fui me interessando cada vez mais. Em uma de minhas ideias comecei a produzir máscaras faciais que me estipularam um limite de *mil faces*, porém com minha prática em outras áreas como a criação dos *Guavins*, que são seres de uma poética desenvolvida no âmbito da escultura, onde além de modelar, juntar materiais, teria que esculpir, a matéria-prima principal é a raiz de uma planta, que uso para meu trabalho. Desde então, no meu processo criativo fui deixando de lado o projeto das minhas mil faces, mas, porventura ele veio me provocar novamente, e por vontade em dar continuidade a este projeto, convidei e convoquei meu aluno frequentador da Oficina de Criatividade para realizar esta tarefa, no entanto, sua companheira começou a dar uma força para ele, então, acabei incluindo ela também no projeto, e para dar continuidade a seus processos criativos. A expressividade é a intenção primordial na construção de cada “carinha”, como diz Willian, esta ideia é mais que uma simples produção, está além de um projeto que visa somente o fazer, intimamente ligada a seu diagnóstico de Esquizofrenia, cada cara, rosto, face, carrega uma expressão uma espécie de aura, em torno do seu modelar: “Para Nise da Silveira quanto mais grave a condição esquizofrênica maior será a necessidade que tem um indivíduo de encontrar um ponto de referência e apoio tanto melhor se esta primeira forma de contato for se tornando uma relação de amizade.” (SILVEIRA, 2015, p. 77)

Trato de pedir paciência e que tente desenvolver mais as expressões de cada face, mas também sinto que cada nova cara, por mais simples que seja, no sentido da

despreocupação com o capricho de finalizar bem, não me faz mal, pois tento é dar um suporte e incentivo em se aprimorar, porém, particularmente me agrada a crueza com que é feito de acordo com seu eu. “As Mil Faces” carregam o peso de mil vidas e mil mortes, o eterno ciclo evidenciado na tentativa e na incerteza de que se está buscando algo, um propósito para seguir em frente.

Cada tentativa demonstra força de vontade e determinação de acordo com seu próprio tempo, a valorização da expressão transforma o ato de criar em poder: “É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos.” ¹¹

Imagem 8: “As Mil Faces” - argila modelada e cerâmica, dimensões variáveis. Willian/Simone.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019).

Todo este processo tem por virtude a terapia em forma de arte, a ideia de dar continuidade à expressão e a repetição é uma característica que ao mesmo tempo traz a diferença com anseio por mudança como ato pela liberdade de se expressar, a cada expressão uma nova tentativa de se manter forte diante dos problemas. A dificuldade de manter o foco em cada elemento expressivo que diferencia cada face, repetidamente a tentativa de pedir aprimoramento, calma, paciência, tudo em detrimento da importância

¹¹ “Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. Intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhes damos uma forma. O ato criador não nos parece existir antes ou fora do ato intencional, nem haveria condições, fora da intencionalidade, de se avaliar situações novas ou buscar novas coerências”. (OSTROWER, 2014, p. 10,11.)

de cada carinha que surge, mas a ânsia pela conquista do objetivo é muito maior quando se sabe que enquanto ele não for alcançado, não se terá concretizado o projeto:

Ser espontâneo é, no sentido amplo que a palavra tem, poder ser livre. se, pois, até aqui formulamos que a espontaneidade corresponde à possível coerência na pessoa, queremos agora estender a ideia da espontaneidade como abrangendo uma forma de autonomia interior e um grau mais alto de liberdade de ação ante possibilidades de viver e criar. Colocamos, com isso, o problema da liberdade de criar. pela repercussão íntima em cada um de nós, esse problema, além de complexo representa um ponto crítico em nossos questionamentos. (OSTROWER,2013, p. 150)

A espontaneidade que vejo neles é muito característica da vontade de estar neste lugar em busca de liberdade, para os dois eu percebo sua fuga para o encontro dentro desta instituição restritiva que é o manicômio. Pode ser contraditório esta procura de vida do lado de fora, mas a interpretação é que eles se sentem bem neste lugar, onde podem produzir e se curtir além do trabalho.

Imagem 9: “As mil faces” - argila modelada com efeitos de ação do tempo, dimensões variáveis. Willian/Simone.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2021).

O processo de criação nos permite ir além da forma, pois a imaginação não encontra limites quando se quer experimentar, podemos extrapolar no sentido que se

quer dar e no objetivo que se pode ir transformando de acordo com a sequência, nós vamos seguindo nosso trabalho no atelier de cerâmica da oficina de criatividade, segundas e quintas, o trabalho segue fluindo de acordo com seu próprio tempo, sendo a proposta muito bem desenvolvida pelos dois pacientes, alunos, artistas, arteiros e queridos. No momento apresentei a eles pigmentos naturais que eu trouxe de Encruzilhada do Sul, são materiais argilosos de variadas cores que fazem parte de minha pesquisa, então trago para compartilhar e incluir no trabalho que a gente vem desenvolvendo no projeto “*as mil faces*”. Quando se usa um pigmento argiloso para pintura na argila, chamamos de *engobe*¹², que vai reagir assim que efetuarmos a queima das peças, poderá mudar a cor ou não, dependendo da temperatura de queima e do material e composição química do pigmento, porém permanecerá opaca. A ideia do experimento é importante. Conforme Ostrower (2014):

Ao transformarmos as matérias, agimos, fazemos. São experiências existenciais- processos de criação- que nos envolvem na globalidade, em nosso ser sensível, no ser pensante, no ser atuante. Formar é mesmo fazer. É experimentar. É lidar com alguma materialidade e, ao experimentá-la, é configurá-la. Sejam os meios sensoriais, abstratos ou teóricos, sempre é preciso fazer. Enquanto fazer existe apenas numa intenção, ele ainda não se tornou forma. (OSTROWER, p 69. 2014).

¹²Talvez pela sua grande simplicidade ou pelo fato de não precisar de mais uma queima, esta é a técnica mais antiga usada pelo homem. chamamos de engobes uma cobertura opaca, colorida ou não, que tem por finalidade ocultar a cor original da peça, ou então servir de fundo para outro tipo de decoração. Os engobes brancos são muito usados na indústria cerâmica, pois assim como o corpo branco, são necessários menos pigmentos e opacificantes nos esmaltes para se atingir a cor desejada. Existem até engobes para corrigir o craquelado dos esmaltes sem precisarmos alterar a composição das massas. São feitos basicamente de uma argila misturada com pigmentos e corantes e cerca de 10% de um material fundente. Podem ser aplicados na peça úmida, seca ou biscoitada. deve ser secado lentamente, pois uma secagem rápida ocasionará pequenas trincas ou até pode destacar ou engobe da peça. Para uma melhor cobertura da peça, evitar a decantação do engobe, recomendamos no seu preparo usar um pouco de silicato de sódio.

Imagem 10: Argila modelada, engobes amarelo e cinza, dimensões variáveis



Fonte: arquivo pessoal do autor (2021).

Imagem 11: Argila modelada e pintada com diversas cores de engobe, dimensões variadas.



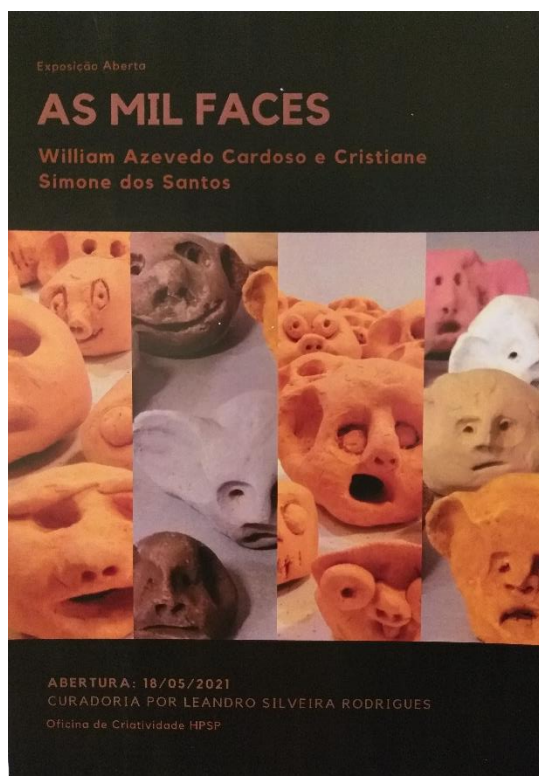
Fonte: arquivo pessoal do autor (2021).

Pedrosa considerava indiscutível o valor artístico de muitas obras produzidas nos ateliês de terapêutica ocupacional e criou, para designar essas produções, o termo “arte virgem”, diferenciando aquilo que estava adjetivando tanto da arte psicopatológica quanto da arte sem adjetivos. Da primeira, o crítico distinguia esta produção por não considerar questões patológicas das obras ou de seus autores, mas apenas as questões estéticas. (LIMA, 2009, p. 159)

O objetivo foi completado com a produção expressiva. E pensando no termo que Pedrosa denomina “arte virgem” como algo expressivo e que a meu entender é de extremo valor porque dar um significado de algo que é realmente produto de um fazer, seja dentro de um método terapêutico ou não, a arte crua é o que defino as “Mil Faces”. É tão importante permanecer neste projeto com Simone e Willian, mesmo passando por dificuldades, manter-se firmes e seguir em frente foi primordial, mesmo estando num momento crítico como o da pandemia, que estamos vivendo.

Agora o trabalho está no Atelier Selmo Ramos para ir para o forno e logo estará pronto, para trazer de volta para a Oficina de Criatividade e montar a instalação para exposição que estamos elaborando. Trabalhar no sentido de evidenciar suas potencialidades expressivas. “Parecem assim fornecer um trampolim para darmos um salto adiante-salto este que de alguma maneira nós já queríamos dar porque estávamos prontos.” (OSTROWER, 2013, p.55) O desenvolvimento do processo criativo que os dois já vinham realizando em longo tempo de Oficina de Criatividade, chamava a atenção, pois a experiência receptiva para com o material sobre o aspecto de percepção das proporções, formas, detalhes, se destacava e pedia para uma exposição individual, como possibilidade de aclamar e dar significados artísticos. Logo abaixo coloco algumas imagens da instalação montada para a exposição, que teve abertura no dia 18/05/2021, dia da luta antimanicomial, a seguir o folder da exposição e fotos que mostram o trabalho em si.

Imagem 12: Imagem do folder da exposição.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2021)

Imagem 13: “As Mil Faces”, abertura 18/05/2021.



Fonte: Eduardo Cubas (2021).

Imagem 14: “As Mil Faces” - sobre a cama antiga, 2021.



Fonte: Eduardo Cubas (2021).

Imagem 15: “As Mil Faces” - lado de dentro do quarto, 2021.



Fonte: Eduardo Cubas (2021).

A abertura do trabalho coincidiu com este dia Nacional da Luta Antimanicomial - na década de 1970 o movimento pela Reforma Psiquiátrica teve início no Brasil. Como forma de expressão, alcançamos um patamar de luta por liberdade, através da Arte nos vemos mil vezes nestas faces que concluem um trabalho, que vai ficar eternizado na memória deste espaço que é a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

3. DIÁRIO DE BORDO: desdobramento da arte como terapia, escritos/reflexões/imagens e memória.

Neste diário de bordo, irei usar nomes fictícios das pessoas que atendo na Oficina de criatividade e nas Unidades, com algumas exceções. Incluo apenas os nomes verdadeiros do casal que trabalha comigo no projeto das *Mil Faces*, por motivos já justificados anteriormente, e de pessoas que já circulam pelo meio artístico e são conhecidas no âmbito da produção artística. Inclusive participaram de exposições, e tiveram alguns trabalhos lançados em livros, então, seguindo esta lógica de não expor os demais frequentadores, criarei tais nomes fictícios a fim de preencher esta lacuna em meu diário, para compor o que é exatamente real narrado, neste tempo em que venho estagiando na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. De acordo com Ostrower,

Corresponderia, em termos de criatividade artística, a necessidade de cada um realizar suas potencialidades sensíveis. Dessa maneira, psicologia e arte poderiam enriquecer-se, mutuamente, numa compreensão mais profunda das manifestações criativas. No entanto, de modo geral a abordagem da arte pelos psicanalistas, notadamente das artes plásticas, tem sido a de buscar decifrar nas imagens uma espécie de codificação de situações ou símbolos analíticos. A questão é: poderiam os conceitos e métodos da prática psicanalítica ser simplesmente estendidos e transformados em noções de arte? Serviriam eles como critérios de avaliação, quer dos processos criativos quer das imagens artísticas e de seus conteúdos expressivos? Penso que NÃO. É uma das razões principais é que a psicanálise ignora na arte a existência de uma linguagem própria, constituída por termos de alto teor sensual que permeia os significados criados. Ignora igualmente, nas imagens, a síntese de conteúdos existenciais que dizem respeito à experiência de adultos. No enfoque psicanalítico, as imagens são reduzidas a meras ilustrações - ilustrações de casos clínicos. Assim as formas visuais não apontam para dentro de seu próprio conteúdo e sim para fora, para algum significado alheio - que existe sem elas também - num simbolismo literário preestabelecido. Testemunham-no às incontáveis interpretações psicanalíticas de obras de arte, sempre em busca de diagnósticos, como se os conteúdos expressivos das imagens nem existissem. (OSTROWER, 2013, p. 36)

Há ainda pessoas que acreditam em tais interpretações sobre trabalhos produzidos nestes espaços de tratamento terapêutico que utilizam da Arte como ferramenta, a convicção que tenho é de que a expressividade vem de dentro, pois lida com o sensível e diz respeito às pessoas que manifestam suas criações. Apontar fatos para buscar algum diagnóstico é ir no caminho contrário à liberdade que se busca através da criação artística. Nesse sentido dou continuidade em meu trabalho com

enfoque no processo criativo entendendo o fazer como terapia e autocura. Atendo durante a semana os frequentadores da oficina, pela manhã, no atelier de cerâmica, Willian e Simone, e segunda à tarde duas meninas do CAPS: Lucia e Mirian. Estou dando seguimento ao trabalho que já vinha sendo feito, neste momento, venho me adaptando e conhecendo os pacientes da oficina no geral, pois é um espaço grande com salas espaçosas e equipadas para fornecer experimentos nas mais variadas linguagens, além de também me virar na cozinha fazendo café que é servido às 10 horas da manhã, me preocupo com este momento, pois é quando nos reunimos na cozinha para confraternizar.

Voltando ao trabalho no atelier de cerâmica depois de um gostoso café, seguimos com a produção e conversa sobre qual será nosso próximo passo diante da proposta elaborada por mim. Simone tem uma produção de mobiles bem bacana, a que vai dar continuidade, me pediu para ajudar na construção de um gato, pois uma senhora frequentadora do atelier das bordadeiras fez uma encomenda para ela, então me dispus a ajudar nesta empreitada. Porém minha intenção é que além destes trabalhos ela siga num projeto, que tenha uma dinâmica e possa ser assídua e responsável com a tarefa. Tento colocar um ritmo e disposição para desenvolvimento de seu trabalho, à base da conversa e apoio...

Willian tem uma produção de incensários, possui trabalhos muito bacanas, como: o vilarejo, Xingu, barcos e outros trabalhos que são feitos por partes, a montagem das árvores e as bolinhas que são envolvidas com arame para que fiquem unidas. Possui as ocas, os barcos, e outros trabalhos desenvolvidos em pintura e colagem. É uma pessoa muito criativa e tem uma habilidade especial para as artes, porém ele é um pouco acomodado, acredito eu, na questão de seguimento e acabamento dos trabalhos, talvez pelo efeito da medicação que toma. Diagnosticado com esquizofrenia, é um antigo paciente frequentador da oficina de criatividade, é companheiro da Simone, estão lá desde que a oficina de criatividade era no pavilhão antigo do Hospital Psiquiátrico. Em 6 de setembro de 2019, uma sexta-feira, fiz atendimento com a Ondina, ela veio ver seus trabalhos que estão secando, aproveitei para dar um pouco de barro para ela trabalhar. Neste momento é importante dar a atenção de que precisam, além do amparo nas questões psicológicas, o momento de toque no barro proporciona este momento terapêutico, ela se sente à vontade e assim começa a falar coisas que trazem angústia, como me disse na conversa que tivemos, comentou que já não aguenta estar mais aqui nas dependências do São Pedro, nem nas casinhas, que é onde ela tem sua casa. Neste

momento de tensão ela começou a chorar e ficou muito nervosa, reclama muito dos remédios que toma, pois ela está muito inchada. Osvaldo apareceu no atelier de cerâmica e pediu para me mostrar seus trabalhos em cerâmica, que são casas de barro, conversamos um pouco e disse que continuássemos com seu trabalho, pois é muito bacana, porém temos uma preocupação quanto à queima dos trabalhos, não temos muito acesso aos fornos, tem certa espera então, o processo é longo, tentamos nos adequar, e aqui trato de ter sempre uma conversa com os pacientes, impacientes por ver seus trabalhos prontos.

A ideia agora é pensar no projeto dos próximos trabalhos a ser realizados com Willian, Simone, Osvaldo, Carla, Mirian, Lucia, e mais alguns frequentadores não muito assíduos, mas que às vezes aparecem para trabalhar um pouco com o barro.

Estamos no diálogo para organização de uma exposição no saguão do prédio da psicologia da UFRGS. – Eu e a colega das artes na oficina de criatividade estamos vendo a planta do espaço, para a disposição dos trabalhos, que estão no espaço expositivo da oficina de criatividade, estes mesmos trabalhos foram expostos na Exposição *Caminhos da arte*, trabalhos que fazem parte do arquivo da oficina e compõem o acervo que faz este acolhimento dos trabalhos desde 1990. Há ali mais de duzentos mil trabalhos catalogados.

Há ideias para construção de um forno de papel usando matérias como: Tijolos, jornal, barro, madeira, armação de ferro ou grelha, etc. A descrição destas matérias junto da ideia de construção do forno se deve à demanda de peças feitas no atelier de cerâmica, pois dependemos dos fornos industriais do IA, do curso de artes visuais e da sala atelier, que se encontram próximos à reitoria da UFRGS. Estes dois lugares possuem fornos de queima; porém, o tempo de espera é longo pela quantidade de trabalhos feita pelos alunos dos locais citados. Existe uma parceria entre as artes e a oficina de criatividade, mas que depende ainda do meu esforço para o deslocamento dos trabalhos até os ateliers, tudo embalado com jornal e colocado em caixas. No Hospital Psiquiátrico há carros para auxiliar nas necessidades, mas é preciso fazer um agendamento para obter a permissão do carro e motorista disponível para a função. No entanto, costumo fazer o esforço em levar de ônibus ou de bicicleta, o correto seria transportar em um carro porque os trabalhos são muito sensíveis.

Mesmo que meu trabalho seja na área da cerâmica, acabamos transitando por outros espaços e atendendo pacientes fora do contexto da arte. Assumimos o papel da escuta, onde nós percebemos mais sensíveis com o processo. As pessoas que estão no

espaço transitando às vezes não querem trabalhar, muitas vezes estão pelo café da manhã, que durante muito tempo fiz além de meu papel de professor de artes, vou para a cozinha para preparar o café da manhã para pacientes impacientes, muitas vezes também conversamos muito.

A missão na oficina é o amparo destas pessoas ignoradas pela sociedade, tentamos dar nosso melhor no quesito do ser sensível. Então, indo pelo viés da *Reforma Psiquiátrica*,¹³ se é que podemos definir assim, a oficina é um lugar à parte dentro do hospital psiquiátrico, é como se fosse uma forma paralela ou um portal para um lugar onde são supridos os anseios destas pessoas que vivem trancadas nas unidades hospitalares. Vidas aqui que estão há anos dentro desta prisão, marcadas terrivelmente por torturas e maus tratos de variados tipos, experimentos científicos por médicos psiquiatras, testando os corpos à base de procedimentos inescrupulosos:

De repente, eles são muitos. Nas salas, nas alas, no pátio, nos bancos. Eles são muitos e também já foram muito mais. Esparramados e derramados por entre as entranhas do grande elefante acinzentado, agem como refluxos de vidas tensionadas aos limites de suas próprias margens. Eles, que de certa forma, são tudo. São a soma de tudo o que não se quis e de todo o resto de uma História que produz restos. Sobrevivem na insistente busca por um lugar onde possam depositar suas obras. Eles, que atravessam os pátios do hospício, que pedem cigarros e que de todos escutam um “não tenho”. Eles, que não foram levados a sério pelas sisudas políticas que se dizem públicas. Eles, os pais e os filhos da reforma psiquiátrica. Eles os impublicáveis da vida e os publicados em periódicos científicos. De repente, eles são muitos. em alas e pavilhões que hospedam uma triste História e que hoje, tombados como patrimônio histórico, são problemas da Secretaria de obras. As paredes infiltradas contam coisas quase silenciosas sobre Eles.¹⁴

¹³ “Entre os profissionais brasileiros de saúde, existe uma luta canalha por “poder”. Uma luta que de tão ignóbil, vem sendo travada à sombra de uma REFORMA. A Reforma Psiquiátrica. (Por que não de uma Revolução Psiquiátrica?) No íntimo da questão, por maiores que sejam os disfarces, os pacientes continuam sendo apenas um pretexto na disputa mercadológica da loucura. Afinal, os loucos são propriedade de quem? A qual categoria está reservado o direito de “faturar” sobre os seus sintomas? Aos médicos em geral? Aos psiquiatras? Aos psicólogos? Aos assistentes sociais? Aos psicopedagogos? Aos macumbeiros? Aos políticos? À esquerda? À direita? Aos corruptos de ontem ou aos corruptos de hoje? A esta ou aquela igreja? A polícia? Ao Estado? A qual tipo de impostores? No relatório elaborado pela Comissão de Direitos humanos da Câmara dos Deputados, que visitou vários asilos e manicômios pelo Brasil afora, (maio e junho de 2000) o mesmo horror de sempre: sujeira, abandono, repressão, socos, pontapés, neurocirurgias, choques e até estereotaxia. Uns pacientes amarrados, outros enjaulados, outros dopados, outros nus, imundos, deitados no meio daqueles calabouços que o Ministério da Saúde sustenta. No meio de tanta solidão e de tanta incompetência, uma mulher lê Crime e Castigo, de Dostoievski; outra joga merda nos funcionários, outra jura que está enclausurada há 600 anos... Outros pacientes apenas esperam com seus olhinhos de desespero, por um “reconhecimento” e por uma “cura” que nunca acontecerá” (BAZZO, 2000, p. 26).

¹⁴**Eu sou você** / Tania Mara Galli Fonseca [e] Blanca Brites organizadoras – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p 95. **De repente eles são muitos**, texto de: Fabio José Parise e Luciano Bedin da Costa. Penso muito a respeito do prédio antigo e suas marcas existenciais, assim comecei a fazer um trabalho de

Entrar no prédio antigo fez a mente viajar plenamente nos confins da obscuridade, as paredes carregam a imponência de um espaço gigantesco, os corredores vazios pelo abandono, mas carregados de histórias de vida, as cicatrizes abertas dos corpos agonizantes, as diversas salas silenciadas e desprezadas, algumas entupidas de entulhos, outras com materiais do próprio hospital, coisas que poderiam ter uso porque estão novas. Escancarado desperdício, do chamado “patrimônio público”, que de público não tem nada, pois muitas cadeiras de rodas, camas, cadeiras, infinidades de coisas amontoadas estão estragando e apodrecendo, embaixo das goteiras e do tempo.

Imagem 16: Fundos do HPSP/entrada da oficina de criatividade.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019)

Neste contexto de descaso vamos expressando os casos dentro de um espaço de psiquiatria e loucura, um lugar antigo e que carrega tantas histórias, muitas delas de sofrimento e de tristeza, algumas de superação e solidariedade, pois a tentativa e esforço para trazer um conforto aos corações de quem ainda existe e resiste neste hospital psiquiátrico.

registrar fotograficamente as marcas deixadas nas paredes e lugares inóspitos, cantos que escondem angústias passadas, onde as infiltrações deterioram as memórias ali contidas. Mais que um registro, marco uma memória que dialoga com a expressividade manifesta da oficina, locais que exalam a expressão carregada em seu ventre – a arte em seus confins.

A oficina de Criatividade tem um papel muito importante no tratamento destas pessoas rejeitadas e não é romantizar o trabalho que é feito, mas este tipo de terapia ao menos traz ânimo, uma alegria de estar num espaço onde se é bem tratado.

11/09/2019 – tivemos um conflito com a Monica porque estávamos desmontando a exposição do saguão da oficina para levar para a faculdade de Psicologia da UFRGS, onde montaríamos a mesma exposição, que foi organizada pelas colegas estagiárias das artes que trabalhavam antes de nós. Os trabalhos tanto do acervo quanto os novos trabalhos dos pacientes foram levados por mim e minha colega para o saguão da faculdade, onde organizaríamos a próxima exposição “Caminhos das Artes”.

Neste meio tempo em que estávamos fazendo a retirada e embalando cada trabalho e etiquetando, a Monica moradora/frequentadora e paciente/artista do Hospital surtou, esbravejando porque estávamos retirando seu trabalho de lá sem sua permissão, e que iríamos roubar dela. Após uma longa conversa com ela conseguimos acalmá-la e voltei para o atelier de cerâmica, pois aos poucos estávamos embalando os trabalhos.

Peguei um livro para fazer uma pesquisa, chamado “Arte da Cerâmica no Brasil”, para passar alguma ideia de produção para Simone Cristina, que de imediato me disse que gostaria de fazer uma cabeça. *Willian Cardoso* está muito cansado, dá para perceber seus olhos fechando e saliva escorrendo da boca, ele mesmo pegou um colchonete que tem num canto do atelier e se deitou porque não aguentava mais ficar sentado. O resultado de muitos remédios que ele toma. Essa é a realidade dos pacientes no Hospital, que é a medicação, soube que um remédio em específico tomado faz com que um músculo do pescoço perca a força de segurar a cabeça.

Imagem 17: Atelier de cerâmica (Oficina de Criatividade/HPSP).



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019).

Cristiane Simone desistiu de fazer a cabeça, mudou de ideia, agora quer fazer um peixe, e pediu para eu desenhar para ela, que quer continuar fazendo seus móveis, então com o desenho ela pode sobrepor sobre uma placa de argila que ela mesma espicha com o rolinho. Avisei para eles que na sexta-feira eu iria buscar mais material no atelier (Selmo Ramos). Tenho um diário reciclado, onde faço as anotações da oficina, porém não tenho seguido à risca a proposta de escrever todos os dias e colocar a data respectiva, então nestes escritos que venho transcrevendo haverá alguns intervalos de dias ou até meses eu acho. Porém os dias que tenho anotado com as datas vou colocar para identificar, até mesmo pela memória de algo que escrevi no dia exatamente. Claro que são anotações superficiais.

Composto Anti-inflamatório: (Orfenadrina 35mg, Nimesulida 100mg, Meloxicam 7,5MG.).

Imagem 18: Quarto em ruínas no prédio antigo/ HPSP



Fonte: arquivo pessoal do autor (2020).

Em nossas conversas surgem, até mesmo, receita médica de remédios. Como a maioria dos pacientes toma muitos remédios, acabam por até sugerir algo como este composto que tinha anotado. Quando tenho um tempinho e a oportunidade de encontrar algum portão aberto do prédio antigo não penso duas vezes e logo me jogo ao encontro deste gigante, é como se estivesse em busca de tesouros em forma de resquícios de história da loucura, as paredes falam, o chão exala o odor encrustado dos anos de abandono tanto daqueles que ali se arrastavam em meio às fezes e urina, ficando jogados nos cantos....

19/09/2019 Iniciei os trabalhos no atelier hoje com: *Mobral, Simone, Willian e Cristiane*. Algumas propostas novas e trabalhos em andamento com os assíduos do atelier. De terça até quinta-feira, dia 24 a 26 de setembro, será a montagem da exposição no saguão da faculdade de Psicologia. Dia 27 fiz um atendimento geral com Natália Leite, Marcio e Afonso. Na cerâmica atendi um rapaz da reabilitação do uso de drogas. Willian Cardoso está iniciando uma tampa de barro a pedido de uma funcionária.

Marina está construindo uma caneca a partir da técnica que ensinei através de placa amassada com rolo.

Imagem 19: Sapato na entrada do quarto no segundo andar do prédio antigo/ HPSP em 2020.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2020).

Algumas referências de ceramistas: Mestre Vitalino (1909 – 1963), Kimimi Nu (1947), Theodoro Braga (1872 - 1953), Norma Grinberg (1971), OfraGrinfender (1945), Lygia Reinach (1933). Além de ministrar as aulas na oficina, tenho que estar pesquisando, buscando autores que trabalham com esta linguagem. Para explicar porque eu trago estes nomes, é pelo fato de estar transcrevendo tudo que tenho anotado em meu diário da oficina de criatividade, então o fato de estar colocando alguns dias com meses e ano também se refere às anotações que vinha fazendo. Tentei anotar quase todos os dias das semanas, meses e ano que já venho trabalhando e estagiando, porém é muito difícil anotar tudo diariamente, até porque estamos atarefados, muitas coisas acontecendo que temos que vivenciar e estar presentes de corpo e mente, e não devemos

estar com um caderno e caneta o tempo todo, seria muito ruim de minha parte se ousasse fazer isso, vejo como antiético, pois não estou ali para ficar analisando, seguindo cada passo dos pacientes.

07/10/2019 – Hoje à tarde fiz atendimento das meninas do ambulatório e do CIAPS. A Lucia está produzindo uma flauta com meu auxílio e também uma espécie de pegada no barro com a marca de sua mão (figura 6), é muito interessante pois, desde os tempos das cavernas o ser humano já usava a representação de suas mãos como marcas nas paredes e através delas criamos, as mãos carregam este poder. Vania e Liliane também estão no atelier trabalhando.

Imagem 20: Marca de mão sobre placa de cerâmica, Lucia.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019)

09 /10/2019 - Hoje no atendimento com Carla, ela me contou que foi consultar com o médico psiquiatra, e disse a ele que não quer mais tomar remédios (quetiapina 300mg), pois está passando mal, diz que vive dopada, lenta e babando, que sofre ataque epilético, me conta que quando foi internada no hospital psiquiátrico espírita, lá a trataram muito mal, foi amarrada e injetaram remédio em sua veia, sofreu abusos e maus tratos. É muito difícil de lidar com situações desta maneira, quando escutamos um depoimento de uma paciente, evidenciando diversos abusos, que ainda acontecem muito na atualidade. Isso faz com que a cabeça fique um turbilhão e com raiva por tais acontecimentos nesta sociedade e nestes tipos de instituições do aprisionamento, do encarceramento do ser, sendo ele jogado em uma cela, quarto, instituição ou em sua

própria cabeça com o excesso de medicação. Seguindo o fluxo desta escrita, mostrando os acontecimentos na oficina através dos relatos, também vou intercalando algumas imagens tanto do espaço da oficina, dos trabalhos realizados, como algumas fotos que fiz dentro do prédio antigo, coisas que me chamaram a atenção e que tento retratar como uma memória viva, através da arte, se pode perceber que, sim, é uma importância tão grande na vida das pessoas. Captei algumas imagens de desenhos feitos nas paredes do antigo prédio, e assim gostaria de compartilhar e no mesmo contexto discutir sobre estas expressões gravadas nas paredes feitas como telas por quem passou por estes compartimentos esquecidos, além de retratar algumas curiosidades que manifesto como um trabalho do olhar.

Imagem 21: Imagem de mulher na parede do prédio antigo.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2021)

É difícil saber quem fez este desenho na parede, mas a questão é referente ao processo criativo, que levou esta pessoa a deixar sua marca neste local, sendo paciente, frequentador ou funcionário do Hospital que como eu teve acesso ao prédio antigo e pode se relacionar com o ambiente, como estou fazendo agora aproveitando da oportunidade para fazer estes registros.

Imagem 22: Grafismo.



Fonte: arquivo pessoal do autor 2021.

Estas imagens que venho trazendo servem para expor meu sentimento de prazer diante da expressividade a que esse lugar me remete, mesmo com o peso e sufoco do lugar que está deteriorado pelo tempo e carrega entre seu ambiente o desespero de vidas atormentadas e presas. Acho muito interessante perambular pelos espaços e me deparar com paredes desenhadas e escritas, a manifestação através da arte habita seus variados ambientes, e com meu olhar sobre este espaço abandonado transfiro algumas das imagens selecionadas, penso no caráter expressivo, não sou fotógrafo, mas gosto de brincar com o fato de agora sim me posicionar como um não para provar algo, mas sim para elucidar que mostrar tanto o espaço degradado quanto as variadas expressões que me chamam atenção em sinônimo de instalações é de importância para o que venho pensando, sobre educação, saúde mental e arte. Os registros fotográficos que faço, trato com o devido respeito e espero pelo momento certo, que é esse agora, introduzindo neste trabalho a questão de autorização de uso de imagens e nomes.

Imagem 23: Intervenção no prédio antigo.



Fonte: arquivo pessoal do autor 2021.

Seguindo o relato sobre meu trabalho desempenhado na Oficina de Criatividade, cabe mencionar, sem sombra de dúvidas, que é o local mais importante em que tenho trabalhado nos últimos tempos. Mesmo que se tratando de uma instituição que tem tamanho peso na sociedade e uma vasta gama de assuntos que contam a antiga história da psiquiatria e seus espaços de destino ao tratamento. Tomei gosto por estar neste espaço e acabei me afeiçoando muito às pessoas daqui. Abordo em meu “diário de bordo” descrições e relatos que contam um pouco dos dias vividos e estagiados que

estão registrados há mais ou menos um ano e meio desde que comecei meu estágio na oficina.

10/10/2019 - atendimento da Simone Cristina, que está produzindo uma boneca e de William Cardoso, que produz bolinhas para um trabalho chamado Xingu, que já vinha fazendo antes de eu começar como estagiário, então dou sequência com eles para que continuem na mesma produção, assim, quando terminarem será possível começar um novo projeto.

11/10/2019 - neste dia de sexta-feira estou atendendo Osvaldo, que tem um trabalho na cerâmica voltado para a modelagem de casas. Ele também, como as outras pessoas frequentadoras da oficina, já possui um trabalho em andamento. No momento estou auxiliando seu trabalho, dando ideias novas para a elaboração da estrutura, a casa que o Osvaldo vinha construindo ele desistiu porque já estava seca e não tinha como continuar, pois quando a peça de barro está seca não se pode colocar argila úmida porque irá rachar, colocou no balde com água para hidratar novamente, pois a gente faz a reciclagem de materiais, então assim Osvaldo iniciou uma nova casa desde o alicerce. Desta vez ressalté que ele deveria colocar um plástico em sacando a peça para que não seque, assim podendo trabalhar com calma, sem pressa. Neste dia William Cardoso e Simone não vieram.

15/10/2019 - hoje os frequentadores William, Simone, Mobral e Saulo estiveram no ateliê de cerâmica; às vezes contamos com a presença de mais pessoas. Nos outros espaços contamos com muita gente, cada área tem pessoas trabalhando. Trabalho no ateliê de cerâmica, mas auxílio nos demais espaços e também no preparo do café que servimos às 10:00hrs da manhã. Simone está produzindo alguns peixes no formato de mobiles. Seu trabalho é muito bonito, então tive a ideia de motivar e seguir com esta proposta, assim criei moldes de tartarugas e peixes. Com o Mobral comecei a criar uma caneca, ele não trabalha muito na cerâmica, mas quando vê o trabalho dos colegas tem vontade de fazer igual, estou auxiliando no processo.

16/10/2019 - hoje foi dia de fazer a desmontagem da exposição que estava no saguão do prédio da psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois pediram a desmontagem porque gostariam de fotografar os trabalhos para realizar um catálogo da exposição.

Imagem 24: Exposição “Caminhos da Arte” no saguão da Faculdade de Psicologia da UFRGS



Fonte: arquivo pessoal do autor (2019).

17/10/2019 - atendimento de hoje com a Simone, William, e Osvaldo, que continua fazendo o seu processo de construção de casas, hoje comentou sobre sua história, sobre como foi parar no hospital psiquiátrico São Pedro, deu um depoimento, falou de suas internações. Hoje com o William criei uma nova proposta, a construção de pequenas faces ou carinhas, como a gente fala, com mais carinho. Simone está muito cansada, dormindo sentada, não está conseguindo produzir, às vezes acontece isso devido ao poder da medicação.

23/10/2019 - atendimento com a Simone, Mobral e Cristiane no atelier de cerâmica.

24/10/2019 - atendimento com a Simone, que está modelando os peixes, seus móveis, e Cristiane está modelando um sapo.

Essa espécie de diário é uma confirmação de uma memória do trabalho que realizo na oficina. Fico pensando que se não fosse essas anotações, muitas coisas eu não estaria lembrando no momento, resolvi colocar esses escritos para deixar viva essa lembrança, assim que, mesmo que as datas estiverem espaçamento muito longo não quer dizer que não estive trabalhando na oficina, mas que, como disse, muitas vezes não pude anotar em meu caderno.

29/10/2019 - hoje combinei de levar para o pessoal um filme chamado *Insanidade*, para os colegas que queiram colocar em seu pendrive, pois já haviam comentado sobre alguns filmes e a ideia era trazer alguma referência que falasse sobre manicômio e sobre a loucura.

30/10/2019 - nesta quarta-feira atendi na cerâmica Simone, Mobral e Osvaldo. A Simone começou a fazer mobiles em formato de tartaruga o Mobral acabou por lixar suas peças, tento sempre estimulá-lo para que se interesse mais em modelar e para que busque ideias próprias. Osvaldo continuando com produção de sua casa.

31/10/2019 – bom, neste dia, além dos atendimentos o que a gente faz diariamente, tivemos uma visita de estudantes da UNISC e de Montenegro. Tivemos apresentação da oficina, contando a história de sua criação, da mudança do prédio antigo para o novo prédio e dos trabalhos que nela são desenvolvidos.

01/11/2019 - atendimento com a Cristiane, pedi para ela lixar suas peças durante esse processo, ela me disse que sua irmã Carla está internada, foi para o plantão e pediu para ser baixada, ela não está nada bem, está escutando vozes e não consegue se encontrar consigo mesma, está em conflito mental e crise de existência querendo se matar, está numa situação preocupante. Durante todo o processo eu trato sempre de conversar, dar conselhos e de usar a cerâmica como uma ferramenta de apoio, pois necessita de concentração, assim vejo a grande importância que tem a manipulação com o barro.

04/11/2019 - Atendimento com a Simone e agora está fazendo tartarugas, não só os seus novos mobiles, dos quais eu faço o molde para ela espichar a massa, depois faz os detalhes.

Como disse, alguns dias fico sem anotar meu caderno, porém são dias de trabalho como os outros, ainda com continuidade nas produções individuais tanto na cerâmica quanto nos outros espaços, mas trato de focar no espaço do ateliê de cerâmica.

11/11/2019 - nesta segunda-feira atendi a Mirian, que está trabalhando uma escultura que é um casal se beijando, está fazendo na modelagem, logo em seguida pediu o vidrado para passar na sua caneca. Depois de passar o óxido, arrumou suas coisas, pegou uma peça que já estava pronta, um porta-joias que havia feito e foi embora porque disse que logo teria uma consulta. Assim que ela saiu chegou a outra menina, Lucia, para trabalhar em sua escultura de Leão.

12/11/2019 - hoje o atendimento foi com a Simone e William, depois tivemos uma visita do Saulo. Há algum tempo atrás, antes de iniciar meu estágio, ele produziu alguns pênis em cerâmica, mas tem produzido mais na área da pintura, está sempre aqui pelo ateliê de cerâmica conversando com a gente. A Simone ainda está no processo das

tartarugas, detalhando, lixando, e o William fazendo as faces, as carinhas como a gente diz.

20/11/2019 - hoje criei uma proposta de trabalho para o seu Norberto, como ele gosta muito de música e toca violão pensei em fazer um desenho de observação e logo depois pintar esse desenho. Coloquei sobre a mesa um violão em pé e ele sentado na cadeira com uma prancheta e com uma folha grande. Pedi que colocasse no papel o que ele via além do seu Norberto, também trabalhei na cerâmica com os meus alunos pacientes impacientes e ainda preparei o café. Como já disse às 10h00min é o horário que a gente serve o café.

22/11/2019 - atendimento com o Osvaldo na construção de sua casa, está erguendo o telhado, dei uma ideia de sustentação para o telhado com palitos estilo picolé para fazer a base, para depois pôr o barro. Como suas casas não serão queimadas então sugeri que fizesse desta maneira, suas casas antigas foram todas queimadas. Depois dos atendimentos tivemos uma reunião que sempre fizemos sexta-feira antes do almoço para falar sobre questões gerais sobre os atendimentos e sobre os preparativos para as festividades de Natal, que é no próximo mês de dezembro

A rotina na oficina é essa, tem uma grande demanda, no dia-a-dia atendemos moradores das unidades e também pessoas que estão nas internações assim como encaminhamentos via ambulatório, e frequentadores externos, então trato de anotar o básico com o nome das pessoas que são atendidas porque temos que prestar contas da quantidade de pessoas que são atendidas durante o mês. Além de toda essa função no trabalho na oficina quando tem um tempinho e a oportunidade trato de entrar no prédio antigo, como já disse, para vasculhar, observar, buscando conhecer cada canto, entrando em cada peça mais de uma vez, andando sobre os escombros, garimpando, sobre o acúmulo de tantas coisas que foram jogadas, esquecidas, e assim vou traçando essa escrita em forma de diário de bordo, uma memória que deixo anotada sobre meu dia-a-dia nesse espaço gigantesco.

Trabalhar com eles neste espaço é importante, acabamos passando muita confiança e amparo, por isso a oficina é sem dúvida um lugar fora do comum, como procuro demonstrar nos capítulos iniciais, quando trato a oficina como um oásis dentro do deserto que seria o hospital psiquiátrico. Pensando que esse espaço existe desde os anos 90 me cabe exaltar com positividade o que vem sendo feito desde então. Sou mais um dentre tantos que já passaram por este lugar e me sinto muito orgulhoso de conseguir e ter muita força para trabalhar, pois sabemos que estamos no meio do deserto

e o caráter de hospital psiquiátrico permanece. O local carece muito de cuidados, como se vê em uma das pinturas de nossa querida Solange, que retrata o hospital doente, deitado em uma maca, e sim, sabemos que isso é a realidade.

Diariamente oferecemos carinho e solidariedade para nossos frequentadores, às vezes os buscamos nas unidades, por hora achamos melhor fazer as oficinas no local de suas moradias nas unidades, pois algumas pessoas não querem se deslocar até a oficina e para poder alcançar mais pessoas com esse trabalho pensamos no todo e assim vamos desenvolvendo as atividades.

Seguindo este tipo de escrita, em meu diário da oficina de criatividade como uma forma de memória conforme dito anteriormente, sigo o meu trabalho rotineiro dos próximos dias e meses atuando e trabalhando da mesma forma com os mesmos frequentadores, com algumas exceções de alguns pacientes externos, com os quais iniciei um trabalho individual. Com os meus, que são assíduos do ateliê de cerâmica, que posso mencionar os nomes porque conseguimos uma autorização para uso de imagem e do nome, o que servirá como meio de divulgação de seus trabalhos artísticos.

Passando para uma próxima etapa, vou dar um grande pulo do mês de novembro até o mês de janeiro, quase início de fevereiro, pois como disse em algumas vezes só anotava os nomes de quem estava frequentando a oficina sobre o trabalho desempenhado, sobre o que estava produzindo, não me detinha em descrever e elaborar a situação, vivenciava e era isso, pois como há muita demanda na oficina, não se tem tempo para fazer sempre essas anotações. Me perdoem meus leitores por não conseguir destacar o dia-a-dia, porém o conteúdo é recheado de significado para mim, pois trabalhar diariamente na oficina com pessoas das mais variadas idades e patologias te transporta. Conviver com moradores, internados das unidades e externos frequentadores via ambulatório, e também CIAPS, é bem forte, é impactante, sempre que falo com alguém que não conhece um hospital psiquiátrico, e que nunca entrou em um, essa pessoa não tem a mínima noção do que é trabalhar neste local; quando se entra numa unidade, se vê uma outra realidade, eu gosto muito do que estou fazendo, tenho prazer em estar com essas pessoas, mesmo sabendo do trabalho árduo e pesado que é.

29/01/2020: neste dia Simone se junta ao processo e começa a trabalhar no desenvolvimento com o William do projeto “Mil Faces”. Acredito ser uma data muito importante, pois como os dois estão sempre juntos, são companheiros, só vêm a somar no projeto. E o bacana disso tudo é que a sua expressividade, junto da dele, soma para um grande acontecimento, uma fusão de um trabalho único que dia-a-dia focamos no

processo criativo. Mesmo que tenhamos um objetivo, o de concretizar as “*Mil Faces*”, nos detemos em apreciar cada momento, utilizando das técnicas básicas, para eles na verdade sempre trato de reforçar o compromisso, a paciência, o detalhe; reforço que é preciso ter calma e prestar atenção, focar no que se está fazendo e que temos muito tempo para seguir esse processo. Poderia descrever algumas personalidades que andam pela oficina como belas curiosidades únicas, porém, meu foco mesmo é descrever o meu papel diariamente na oficina, é falar deste projeto muito interessante ao qual William e Simone se agarraram com muita intensidade.

Todo mês de fevereiro fiquei sem escrever nada, mas anoto na agenda da oficina os atendimentos, pois tudo tem que estar registrado.

3/03/2020: voltando a escrever neste mês de março, como disse, fiquei algum tempo sem escrever e fazer anotações diárias da oficina, hoje voltei a pegar no caderno, estou sozinho na oficina, minhas colegas: - uma está mal, em casa, vomitando, e a outra não renovou o seu contrato ainda; além disso, já faz algum tempo que estamos sem coordenadora, sem voluntários, e estagiários, uma situação bem complicada, estamos bem apreensivos com a situação da oficina, com esta redução de estagiários e voluntários sentimos um peso enorme sobre nossa responsabilidade, de ter que trabalhar na oficina com serviço dobrado, pois tínhamos uma grande equipe, porém, soube que vamos ter uma supervisora que trabalha em outro setor, e que vai poder nos apoiar.

Na metade desse mês de março se inicia a pandemia junto ao desespero de algo nunca visto, no momento, é uma grande tragédia que começou a assolar a população, o desespero começou a ser visto nitidamente nas pessoas, e os casos de covid 19 começaram a aumentar estrondosamente, casos de mortes só aumentam nos noticiários de televisão, começou a se alastrar catastróficamente, teve início o fechamento de comércio, escolas, demais órgãos e instituições, assim a ordem foi de fechar a oficina de criatividade, sem data de retorno. Rapidamente comecei a me organizar em minha casa, arrumar minhas coisas em uma mochila, olhei horários de ônibus e logo viajei para o interior de Encruzilhada do Sul, onde reside minha avó materna, lá encontraria minha mãe e meu pai, fizemos um acordo que estaríamos todos isolados juntos, e assim acabei saindo de Porto Alegre.

No capítulo (1.1) que falo dos materiais de pesquisa, mencionados acima, quando estive pelo interior de Encruzilhada do Sul; deixei claro que fiquei o tempo todo trabalhando e juntando e armazenando argilas e elementos que pudesse trazer para o contexto da Oficina e assim foi, conforme meu retorno estava se desenhando.

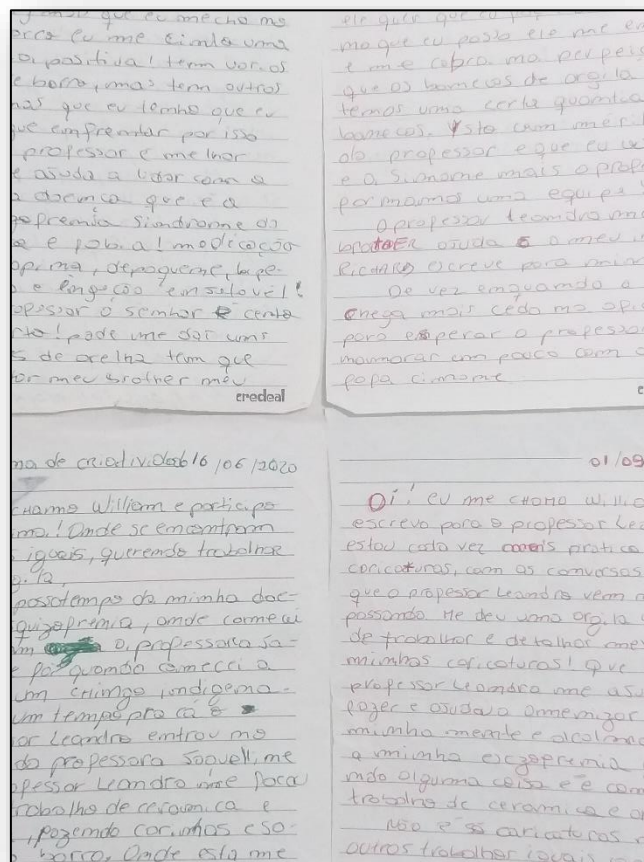
Tivemos que estar no Hospital para não perder a vaga de trabalho, foi o que disseram diretamente, que seria obrigatório voltar a trabalhar, mesmo que a oficina estivesse fechada. Portanto pela metade do mês de abril, depois de passar por uma triste tragédia familiar; me vi na pressão de estar em Porto Alegre, em meio à pandemia, dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Dentre idas e vindas continuei meu trabalho, como pude, e nas possibilidades que se apresentavam no momento, sendo ele restrito ou não; apesar de muitas dificuldades, instabilidades, tensões, desavenças e desencontros, me mantive firme com o que era coerente no momento; resisti, existindo num espaço, sentindo o abandono e a pressão de ser um estagiário de artes a que não se dá valor.

A realidade é que estar frente a todos estes acontecimentos sem amparo de ninguém, é muito complicado, quando não se pode contar nenhuma assistência psicológica, isso trabalhando dentro de um Hospital Psiquiátrico e trabalhando com saúde mental, ainda em meio à pandemia e recentemente ter passado por um trauma de suicídio familiar, no mínimo o ideal seria poder ter uma ajuda; mas enfim, cá estou firme e forte, contando neste diário de bordo, minha passagem e meu contexto diário, mensal e anual, deste estágio incrível que ainda estou vivenciando.

Me esqueci de mencionar em minhas anotações que recebia de vez em quando umas cartas de uma pessoa que eu atendo na Oficina de Criatividade. Tive a ideia de dar uma atenção maior para este tipo de relação. Para além do contato presencial, é forte receber uma carta da pessoa contando coisas de sua intimidade, pois de repente ela vê na escrita a melhor maneira de expressar o que está oculto em seu ser; minha atenção para essas cartas traduziu-se em uma carta anônima, onde exploro o sentimento de expor uma representação deste afeto que se cria quando se escreve para alguém.

Imagem 25: carta recebida de um aluno integrante da oficina.



Fonte: arquivo pessoal do autor (2021).

3.1 CARTA ANÔNIMA

Vou me referir aos demasiados humanos além de mim, aos leitores desta carta, o ódio do destinatário irá se multiplicar como baratas e mais fortes como nunca, após a catástrofe nuclear, sobraram sobre os escombros e perpetuaram ainda mais sua espécie, nas conformidades experimentais das mentes doentias, saudosamente agradecendo o caos, depois da passagem mortal do vírus transformado em pandemia mundial. Seres jogados em valas dentro de caixas

empilhadas como um jogo em construção, sobre ameaça conspiratória dos levantes ocultos da perpetuação do governo insalubre, que, ameaça a terra, sobre a pirâmide do capital e do terror disfarçado em produção e contribuição pelo trabalho feito, pelo quebra-cabeça da cobiça e furor da inveja, no presente sacrifício me deleito ao desespero sobre a angústia da tragédia na medida de suportar meu derradeiro desprezo por tudo que é forjado sobre a matéria fraca da mentira, da invenção, do lamento e da queixa para a pena do conformismo e a atuação sobre o oportunismo, do propagadíssimo ego em espreita subordinada aos traiçoeiros e corriqueiros donos da verdade. Péssimo momento para declarar guerra aos que pensava ser companheiros que acreditava serem de fé, falso acreditar que a fé é algo que está ligado à igreja e que emprega o poder supremo da miséria, que se tornou o emprego de algo em que acreditamos loucamente sem explicação, que está além dos limites estabelecidos, pela falácia retórica dos termos sublimes elevados no poder do currículo, que comanda as atitudes e encabeça a ordem, os seguidores como rebanho que almejam o reconhecimento das façanhas montadas sobre a servidão moderna, em descaso com os que rejeitam a conformidade e seguimento da exploração e esmagamento somente pelo único objetivo, o dinheiro. O vício subtrai a loucura de um pensamento lógico envolvido pelo véu transparente do pano encardido pelo sangue, do desperdício transmutado em suicídio pela escolha de seu próprio destino, onde a explicação não se encaixa em desculpa e as memórias ficam em limites de cobrança e em estonteante desespero, caminhando entre o labirinto sobre as ruínas do espaço antigo que virou símbolo do esquecimento, se a rede social não lembrar ninguém mais haverá de saber, mesmo que se esconda em postagens, em rebeldia virtual, será sempre o fracasso do que não move nada além do click. O desespero de

ser rejeitado não confirma a impulsividade da escolha do descarte, nem a sombra mostra dúvida quando segue meus passos, tenho medo, mas não trato ela como descartável porque me preocupo antes de tudo em ser compreensível até o momento que vou acumulando o desprezo por ser sobrecarregado, as energias são contagiantes, o que contagia, ultrapassa a barreira energética de proteção, tanto pelo bem quanto para o mal, as falácias apontam para o derradeiro, e a complexidade com que se mede a esperteza e a desconfiança não cabe no saco das ideias rotineiras de preparação para o enfrentamento. Calcular e promover as estratégias não faz triunfante, quando carrega a falsidade no umbigo e deixa transparecer no olhar de mais um demasiado humano, o que corrompe com sua insensatez e omissão, apoiando as catástrofes realizadas pelo furor do lucro, rompendo com os fios da vida, que se mostram invisíveis para os que enxergam com a razão da lógica do consumo. A precisão do ataque verbal carregado de diálogo formado, para oprimir através da imposição de sua ideia, carrega o acúmulo de algo que para sua essência é capaz de ser decisivo para combater a enfermidade do vício social imposto, do efêmero que se apresenta nos discursos mais belos, e da questão complexa de similaridades construídas sobre o aspecto do conformismo do que está dado, depois mastigado e digerido, e só é amplo porque cada um carrega esta ânsia de disparidade, em consequência de ser o melhor e o mais importante, no instante que se apresenta este sentimento de potencialidade de soberba e superioridade tenho que evidenciar o poder da mente que vai além dos limites da compreensão, do julgamento e da divagação. Não sei como, não entendo por quê? É difícil desenvolver uma escrita forçosamente, ainda mais quando se trata de falar em aprendizagem num momento onde se forçar alguma coisa além do que é espontâneo, é perigoso... Pode ser errôneo da

minha parte entender estes momentos aleatórios de disparidade, onde se sabe que pode se trair a confiança da sinceridade, como se pode afetar direto e contínuo quando se imprime a notícia falsa e se perpetua para o mal, por um status, por uma ajuda, para o condicionamento mental e alienatório, está encrustado na ancestralidade novíssima desta sociedade por moldes colonizadores, uma herança como dizem, nas traduções da gramática melancólica, onde conotam a sobriedade da fonética enrijecida, uma linguagem perpetua a ignorância de uma catastrófica e genocida passagem, lugares e viagens, infortúnios e curiosidades, que trazem o desespero e a tragédia, por gerações e gerações o sangue passado pelas nossas mãos, que imperdoavelmente são repetidoras das façanhas exploradoras, das atrocidades cometidas desde o passado, continuando agora mesmo, no presente e mirando o futuro, a dominação pelo Estado! Quando poderá se acreditar na vida cotidiana, evoluída no aspecto *autogestionado*, igualitário nas proporções totais de todas as culturas existentes na face da terra, todas as conjunções do núcleo de predominância na ideia de exaltação humana, de inteligência que pode comunicar-se e entender-se inteligente, porque escreve a própria história e exalta ao mesmo tempo na proporção de superioridade as criações que serviram para a evolução da espécie. Não deixará mais que uma mancha da sua existência em sua passagem do esquecimento porque a morte te chegará em algum momento, e se tornar um mártir não mudará... Pois o ego morto não satisfaz o poder oculto de comando, de domínio. Você me tirou deste inferno, minha esquizofrenia dança colada aos remédios que dopam minha alma, o senhor me salvou do meu sufocamento, de meu desespero e agonia, me brindou com a arte como descarrego, o sofrimento no pavilhão já não me abate tanto quando me refúgio no espaço de criação. Perco-me na imensidão do meu imaginário,

mergulho profundamente nas entranhas de minha doença para arrancar do mental através de minha expressividade o sofrimento que todas as minhas irmãs e irmãos carregam deste lugar atrás dos muros, vou perambulando para cá e para lá, sem saber menção ao tempo, onde o esquecimento tira proveito em eternidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por minhas andanças cotidianas colecionei vivências que me fizeram aprender coisas, tomei rumos muitas vezes sem me programar, viajando e experimentando uma vida nômade, mesmo sem me fixar em algum lugar.

Quando me dei por conta já estava fazendo faculdade de Licenciatura em artes, foi uma escolha pelo fato de estar trabalhando como educador social e ministrando oficinas para os adolescentes, muitas pessoas já haviam me dito que eu levava jeito para ser professor, além de ter a função de educador num abrigo municipal. Pensando nesta questão de trabalhar com menores abandonados, percebi os variados tipos de violência relacionados a estas vidas e como é difícil ser um monitor num espaço onde é necessário controlar os indivíduos e vigiar o tempo todo, precisando de autorização para sair, além de serem tratados com remédios, dependendo do diagnóstico e do caso em específico.

Mesmo que se faça um recorte de algo específico para ministrar as aulas, o acúmulo e percepções variadas sobre diversos assuntos e linguagens faz a diferença. Minha primeira experiência com sala de aula foi no PIBID, no qual fiquei por todo tempo correspondente na escola Anne Frank, então, não poderia deixar de relatar minhas experiências e deixar para trás esta recente trajetória percorrida.

No tempo em que estava no PIBID, já estava estagiando na Oficina de Criatividade e fazia minhas observações na Escola Monte Líbano. Além destas três funções ainda cumpria minhas tarefas das disciplinas; muita coisa, um turbilhão de afazeres que mexe muito com a mente e com nosso ritmo cotidiano. O próprio deslocamento entre a cidade, considerando o fluxo de cidade grande, desgastante, mas coisas que a gente supera quando se tem um objetivo para alcançar, a força que temos é a que movimenta e faz com que as barreiras não nos abalem, pois, quando estamos na

sala de aula muda totalmente o ambiente e as relações e comportamentos. O objetivo deste trabalho é relatar experiências. Um trabalho entre teoria e prática desenvolvido com frequentadores da Oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Ao longo desta trajetória, pensando no processo de criação que ia se dando conforme as aulas aconteciam, fui percebendo, dentre tantos acontecimentos, que não teria tempo suficiente para abarcar tudo que gostaria de expor, aos poucos fui entendendo por que caminho seguir, através do contato com a arte, em específico na cerâmica, a que acabei dando ênfase.

Como característica principal do trabalho está o auxílio ao tratamento da saúde mental aos frequentadores e moradores das unidades, utilizando da modelagem em argila e processos cerâmicos, para indivíduos participantes do projeto. Junto de outras linguagens artísticas como a pintura e desenho exercida por muitas pessoas na Oficina, essas questões influenciam na percepção, no processo artístico e nas sutilezas cognitivas, então, exercendo a função de estagiário de artes visuais na Oficina de Criatividade me dei conta que o trabalho que estava propondo trazia estímulos para suas vidas. De acordo com (OSTROWER, 2013, p. 37),

Ignorando as questões de linguagem a psicanálise também ignora as questões de *estilo*. Isso abrange não apenas os conteúdos expressivos das obras, mas sobretudo o fato de o desenvolvimento estilístico ser entendido como um processo de crescimento espiritual das pessoas. Ou, em outras palavras: abrange o fato de a arte constituir um caminho válido para as pessoas se desenvolverem através de sua sensibilidade, se conscientizarem e conhecerem a realidade de vida, sua e a do mundo externo.

Concordando que o trabalho artístico faz com que o desenvolvimento das pessoas, através do sensível se manifeste; entre o fazer espontâneo e gradual emerge uma grande produção, tanto, clinicamente falando das Unidades de moradia, que se trabalha noutro aspecto, sendo fora da Oficina, porém, assim mesmo fora do lugar apropriado, se tem um fazer de grande importância, para o tratamento de quem o produz, a expressividade como consequência de um processo.

Pode-se encontrar trabalhos acadêmicos que contam sobre o espaço da Oficina de Criatividade, a veracidade que demonstra enorme potencial artístico pulsando neste espaço, que, além disso, conta com um acervo de obras, que datam desde o início dos anos 90, seu ano de criação. Existe atualmente o (NUTAL) que é um projeto de extensão da UFRGS, voltado para a Oficina de Criatividade e acervo, onde se faz mais forte o vínculo com a Universidade.

O primeiro passo como estagiário foi identificar e coletar informações no diário de bordo, fazendo anotações e registros das pessoas que frequentavam a oficina diariamente, criando memória do espaço através desta análise e destes escritos, quase da pela percepção do trabalho desenvolvido no espaço, estudos e aplicações de métodos baseados no processo de criação e expressividade, resultando em uma experiência riquíssima.

Uma das principais características consideradas na construção dessa pesquisa é a criação de um projeto em cerâmica envolvendo dois frequentadores que utilizam o espaço há mais de vinte anos, Simone e Willian Cardoso. “As mil faces” acabou crescendo em proporções e quantidade, pois a cada momento se multiplicava as faces sobre as mesas e prateleiras, sem dúvida a força e potência expressiva alcançada nesta experiência me deixou muito motivado junto da dupla de companheiros, a característica principal da modelagem das faces foi acompanhar o processo criativo desenvolvido antes e durante a pandemia, tendo assim por objetivo concretizar a obra em sua totalidade.

Neste intervalo de tempo tem acontecido tantas coisas que fica difícil fazer um encerramento digno sobre tantas experiências de vida. Estou estagiando há mais ou menos um ano e meio na Oficina de Criatividade do hospital psiquiátrico São Pedro, agora estou no último contrato de seis meses para o encerramento, completando dois anos de estágio no final de julho. Tem sido muito importante trabalhar com arte e saúde mental, minha compreensão, sobre como a arte influencia na vida das pessoas é perceber o quanto ela faz se necessária, ainda mais, quando se faz e desenvolve no dia-a-dia. As experiências nesse espaço me encantaram, mostrando que a arte é vida. Dentre tantas coisas que vivenciamos na Oficina de Criatividade, gostaria de ressaltar a convivência com essas pessoas que necessitam de amparo. Para (NEUBARTH, 2009, p. 256) “A territorialidade do acontecer histórico está sempre mudando. Embora, com os moradores, entre os muros do São Pedro, mudanças sejam lentas, mesmo assim, estes, remanescentes de uma sociedade de produção de massas, que abarrotam os antigos hospícios, são uma população que tente a se extinguir”. Contudo sabemos de que esta é a tendência à desinstitucionalização, e logo os antigos moradores se extinguirão, mas suas marcas ficarão por todos os cantos, além de ficarem arquivados seus trabalhos no acervo da Oficina de Criatividade; pude compartilhar um pouco de minha vida e de meus conhecimentos com arte, em específico na cerâmica, pois tive oportunidade de criar um projeto chamado “Mil Faces”, com Willian Cardoso e Cristiane Simone, o que

foi fundamental, tanto no vínculo que se faz, quanto com relação à questão profissional, pois somos sujeitos para este propósito.

O processo criativo para Ostrower (2014) surge com poder enorme da força e vontade de criação, a expressividade emerge e flui espontaneamente.

É uma experiência para a vida toda trabalhar com arte e saúde mental, pois aproxima questões íntimas da psique, algo que realmente me deixou apaixonado, e estar no dia-a-dia trabalhando na Oficina de Criatividade, nas Unidades de um modo geral, proporcionando este contato calcado na expressividade de corpos que necessitam deste espaço, sim, faz a diferença. A atitude de muitas pessoas que vi trabalhar é de fazer arrepiar, tanto sob efeito de medicação, além de outras fortes e impactantes transformações no corpo, que comprometem funções básicas, como as articulações, os tremores. Por tanta dificuldade encontrada, vejo a força de vontade de se expressar, maior que todas essas dificuldades, isso é o ponto fortíssimo que surpreende quem está envolvido nestes espaços das Unidades. Quando as pessoas não têm condições de ir até a Oficina de Criatividade, a Oficina chega até elas. Acredito ter alcançado meu objetivo de trazer arte para os frequentadores deste oásis no meio deste deserto, dar continuidade a todo trabalho já feito, além disso, ser correspondido com o fechamento de um trabalho tão importante quanto o que me propus, sobre o projeto que surgiu no atelier de cerâmica, fruto de nosso trabalho árduo para concretizar as “Mil Faces”, com uma exposição na Oficina de Criatividade, um processo longo, mas lindo de ser vivido, finalizando nosso objetivo.

5. REFERÊNCIAS

ARTETERAPIA. Barro – veículo de materialização do inconsciente. Datiloscrito. S/d.

BLAKE, William. **Primeiro Livro de Urizen.** 2°. Ed. Lisboa, 1993

_____, William. **Escritos de William Blake,** L&PM. Ed. Ltda, 1984.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade:** Ensaio sobre a imaginação das forças. 4° Ed. Martin Fontes São Paulo, 2013.

_____. **A Terra e os Devaneios do Repouso:** Ensaio sobre as imagens da intimidade. 3° Ed. Martin Fontes São Paulo, 2019.

BAZZO, Ezio Flavio. **DYMPHNE: A santa protetora dos loucos.** – 1. Ed. Brasília-Df. Editora Clepto Publicadora, 2000.

CORREIA, L. M. (1999). Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares. Porto, Portugal: Porto Editora. D

DELEUZE, Gilles, 1925-1995. **Diferença e repetição;** tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. – 1. Ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GIARDULLO, Caio; GIARDULLO, Paschoal; SANTOS, Urames Pires dos;**O Nosso Livro de Cerâmica: Introdução à técnica para cerâmica artística.** 1ªEd, São Paulo, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como pratica de liberdade.** – 2. Ed. – São Paulo, Martins Fontes, 2017.

ILLICH, Ivan, 1926 -2002 – **Sociedade Desescolarizada;** Tradução Luciana Reis – Porto Alegre; Editora Deriva 2007.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor: Relatos de um viajante educador.** –1. Ed.; 1. reimp. –Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2015.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor.** – 1. Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2018 a.

_____. **Elogio da Escola;** - 1. Ed.; um. reimp. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. 2ªEd, São Paulo, 2018b.

LIMA, Elizabeth Araújo. **Arte, clínica e loucura: território em mutação /** Elizabeth Araújo Lima. São Paulo: Summus: FAPESP, 2009.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação,** 30ed. – Petrópolis, Vozes, 2014.

_____. **Acasos e criação artística /** FaygaOstrower. – 1 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

READ, Herbert Edward. **A educação pela Arte.** 2ªEd, São Paulo, 2013.

SILVEIRA, Nise Da. **Imagens do inconsciente.** Petrópolis, RJ: 2015.

NEUBARTH, Barbara Elisabeth. *No fim da Linha do Bonde, um tapete Voa-dor: a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis.* Porto Alegre, 2009. 281 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Sites:

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<http://aatergs.com.br/>>. Acesso jan.2021.

LIVE MIL FACES. Encontro com Leandro Silveira Rodrigues, curador da Exposição, William Cardoso e Cristiane Simone dos Santos, os artistas. NUTAL-UFRGS. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPGLMVJgLoI/>. Acesso 26 mai. 2021.

UNIÃO BRASILEIRA DE ARTETERAPIA. Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com/>. Acesso: jan.2021.

Vídeos:

COMPOSTOS ORGÂNICOS RACIONAIS COR – O VOO DA GARÇA QUE INVENTOU A LOUCURA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WvavayoTAKI>. Acesso em ago.2020.

ANEXOS:



Porto Alegre, 20/04/21

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, WILLIAM ABEVEDO CARDOSO, CPF 803.983.800-30 autorizo a utilização de imagens de meus trabalhos artísticos e demais registros visuais e escritos das atividades realizadas a partir da Oficina de Criatividade Nise da Silveira do Hospital Psiquiátrico São Pedro para fins de divulgação e publicação das pesquisas e trabalhos comunitários.

() Prefiro que minha identidade seja ocultada, neste caso, **meu nome NÃO aparecerá** e não serão usadas fotos que mostram meu rosto.

William Abvedo Cardoso

Assinatura do(a) participante ou responsável

Fátima L. Souza da Silva
Terapeuta Ocupacional
CREVITOS 7524

Assinatura da Coordenadora da Oficina de Criatividade



Porto Alegre, 20/04/21


TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, CRISTIANE SIMONE DOS SANTOS, CPF 840.192.630-00, autorizo a utilização de imagens de meus trabalhos artísticos e demais registros visuais e escritos das atividades realizadas a partir da Oficina de Criatividade Nise da Silveira do Hospital Psiquiátrico São Pedro para fins de divulgação e publicação das pesquisas e trabalhos comunitários.

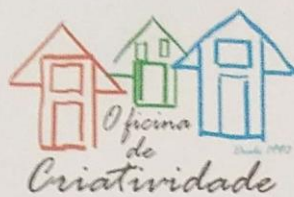
() Prefiro que minha identidade seja ocultada, neste caso, **meu nome NÃO aparecerá** e não serão usadas fotos que mostram meu rosto.

Simone

Assinatura do(a) participante ou responsável


Tatiane Pinheiro da Silva
Terapeuta Ocupacional
CREFITO5 7524

Assinatura da Coordenadora da Oficina de Criatividade



Porto Alegre, 20, 04, 21

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, SOLANGE GONCALVES LUCIANO, CPF 59195312072 autorizo a utilização de imagens de meus trabalhos artísticos e demais registros visuais e escritos das atividades realizadas a partir da Oficina de Criatividade Nise da Silveira do Hospital Psiquiátrico São Pedro para fins de divulgação e publicação das pesquisas e trabalhos comunitários.

() Prefiro que minha identidade seja ocultada, neste caso, meu nome **NÃO** aparecerá e não serão usadas fotos que mostram meu rosto.

Solange G.L.

Assinatura do(a) participante ou responsável

Fátima P. Souza da Silva
Terapeuta Ocupacional
CREFITOS 7524

Assinatura da Coordenadora da Oficina de Criatividade